

Digitized by Google

11452 b 28

Math. 6.

APÓLOGOS

D E

JOÃO VICENTE PIMENTEL MALDONADO.

Cosí a l'egro Fanciul porgiamo aspersi
Di suave licor gli orli del vaso :
Succhi amari ingannato intanto ei beve,
E da l'inganno suo vita ricevè.

Tasso. G. L.



L I S B O A :
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1820.

Com Licença.

*Vende-se na Loja de Jorge Rey, defronte da
Igreja dos Martyres.*

Nec sum animi dubius, verbis ea vincere magnum
Quam sit, et angustis hunc addere rebus honorem.

Virgilius. G. L. 3.



Tanta vox tam parvo in corpusculo. In una perfecta musicæ scientia modulatus editur sonus: et nunc continuo spiritu trahitur in longum, nunc variatur inflexo, nunc distinguitur conciso, copulatur intorto, promittitur revocato, infuscatur ex inopinato: interdum et secum ipse murmurat: plenus, gravis, acutus, creber, extensus: ubi visum est, vibrans, summus, medius, imus.

Plinius. l. 10. 43.

A PÓLOGO 1.

O Rouxinol, e os seus Expectadores.

Em claro dia de Junho
N'uma floresta sombria
Aprazivel Rouxinol
Pasmosas canções tecia:

Ora os suaves gorgeios
Por modos mil variando,
Ora os sons affectuosos
Com raro esmêro trinando.

A 2

A's vezes baixinho ensaia
 Ternas cadencias mimosas,
 A's vezes despede afoito
 Volátas prodigiosas.

Pintasilgo attento, e docil
 Com que transportes o admira!
 Nem sequer hum som lhe escapa,
 A mēdo geme, e respira.

Que doce prazer se esparge
 Na odorifera espessura!
 Como se enche a Natureza
 De harmonia, e de ternura!

Mas em quanto o meigo assombro
 A todo o momento crece,
 Tosco insensivel Jumento
 Espriguiça-se, adormece:

E monótona Cigarra,
 Tão nescia quanto orgulhosa,
 Retinindo, desentranha
 Cantiga fastidiosa.

Que vale o Merito insigne
 Aos olhos do Vulgo abjecto!
 Só quem tem huma alma nobre
 Aprecia hum nobre objecto.



..... Serpente Ciconia pullos
 Nutrit , et inventa per devia rura lacertâ.
 Illi eadem sumptis querunt animalia pennis.

Juvenal. S. 14.

APÓLOGO 2.

A Cegonha.

Glutôna famosa ,
 Bem farta , e mal prêsa ,
 Cegonha horrorosa
 Cahindo em tristeza
 Ser livre intentou.

Crescêrão-lhe as azas ,
 Propõe-se á fugida ,
 Co' os olhos em brazas
 A escrava guarida
 Maldiz , e voou.

Vaguêa , viaja ,
 Feroz , presumida ,
 Clamando „ Mal haja
 „ Quem sendo offendida
 „ Se não despicou .

Eis chega-lhe a fome ,
 Pequenos insectos
 Só acha , só come ;
 Os nobres affectos
 Bisarra ostentou .

Da sorte os açoites
 Zurzindo-lhe a pança
 Tres dias , tres noites ,
 Perdeo a chibança ,
 Ao carcer voltou .

Com prantos ferventes
 Pedio lhe cortassem
 As azas bem rentes ;
 Que não lhe poupassem
 As pernas instou .

Quem livre quer ser
 Os Fados bravios
 Se aveze a sofrer :
 Regalos , e brios
 O Ceo separou .

Florentes amicorum turba circumsedet , circa
eversos ingens solitudo est.

Seneca. E. 9.

APÓLOGO 3.

O Leopardo.

Rico dos bens da fortuna ,
E nada em sabedoria ,
Por todos presenteado ,
Ostentoso , regalado
Hum Leopardo vivia.

Ora o soberbo Leão
Hum bezerro lhe mandava ;
Ora o Lobo carniceiro
Com metade de hum cordeiro
Risonhamente o brindava.

De quando em quando a Raposa
Lhe apresentava hum franguinho ;
E porque houvesse de tudo ,
Hia ás vezes mui sisudo
Levar-lhe o Gato hum ratinho.

Comsigo o Parvo dizia :
 „ Que farião sendo eu pobre !
 „ Que mimos tivéra então ?
 „ Pois tanto agora me dão ,
 „ Bem que o meu me baste , e sobre .

Gastando pois sem medida ,
Empobreceo o Insensato ,
E mui doente cahio :
Nunca mais bezerros vio ,
Nem cordeiro , ou frango , ou rato .

Que mais gostoso nos seja
Presentear a Opulencia
Do que a triste Precisão !
Nos desperdicios tem mão ,
Sentillos-ás na indigencia.

. La Fouine a la physionomie tres fine , l'oeil vif ,
le saut léger , les membres souples , le corps fle-
xible , tous les mouvemens très prestes ; elle saute ,
et bondit plutôt qu'elle ne marche ; elle est quel-
quefois deux , ou trois jours sans dormir . Le Blai-
reau est un animal paresseux , défiant , solitaire ,
qui se retire dans les lieux les plus écartés , dans
les bois les plus sombres , et s'y creuse une de-
meure souterraine . Il dort la nuit entiere , et les
trois quarts du jour .

Buffon.

APÓLOGO 4.

A Fuinha , e o Texugo.

Hum traficante Texugo ,
Robusto , mas preguiçoso ,
Foi co' a Fuinha ajustar
Communs ganhos no penoso
Grave officio de furtar .

E resolve-se que á porta
 Do Texugo , e á luz primeira ,
 Se inteirem sempre as partilhas.
 Eis a Fuinha ligeira
 Põe-se a andar , faz maravilhas.

Não socega , alli espreita ,
 Cheira aqui , salta acolá ,
 Vem , e vai , e torna a hir :
 E o nosso Texugo já
 Na cova estava a dormir.

A Fuinha com dois pombos ,
 Rompendo a manhaã , chegou ;
 E o tal Menino , sem nada ,
 Se carpio , se desculpou
 Ante a Socia abençoada.

Com seis borrachos mui nédeos
 Ei-la no dia segundo ,
 E elle c'hum ratinho só ,
 Exclamando „ A todo o Mundo
 „ Causar devo espanto , e dó !

Finalmente a vez terceira
 Chega toda ensanguentada
 A lesta , boa Fuinha ;
 Com hum gallo carregada ,
 E com mais tres frangos vinha.

A somno solto , e a roncar ,
 O Quinhoeiro encontrou ,
 Sem nada , bém entendido ;
 Com trabalho o despertou ,
 Proseguindo em tom sentido .

„ Amigo , a prêsa divide ,
 „ Que assaz me ha sido fatal ;
 „ Hum Gato em vão me pedio
 „ Parte n'ella á tua igual ,
 „ Por não lha dar me ferio .

„ Vamos , pois , vingar-nos vamos .
 Ao que elle diz „ Que pesar !
 „ Hum tal somno hoje me deo
 „ Que não me posso arrastar !
 E na cova se metteo .

A Fuinha exasperada
 Cava , ajunta , e a porta em fim
 Entupindo de repente ,
 Pisa-a , calca-a , e grita assim .
 „ Dorme , pois , eternamente .

Na condição , nos costumes
 Havendo dissimilhança
 Que união pode fazer-se ?
 Quem depressa se afiança
 Vem mui tarde a arrepender-se .

Super omnia humanas voces reddunt Psittaci
quidem etiam sermocinantes. Minor nobilitas, quia
non ex longinquo venit, sed expressior loquacitas,
generi Picarum est. Adamant verba quæ loquan-
tur. Nec discunt tantum, sed diligunt.

Plinius. L. 10. 16.

Aere pendebant, nemorum convitia, Picæ.
Nunc quoque in alitibus facundia prisca remansit,
Raucaque garrulitas, studiumque immane loquendi.

Ovidius. M. L. 5. F. 12.

APÓLOGO 5.

O Papagaio, e a Pêga.

G entil Papagaio,
Loquaz, folgazão,
Atado vivia
Em aureo grilhão;
Saltava, dormia
Sem nada o inquietar.

Perguntas sem conto
 Attento escutando ,
 Mil dons , e agasalhos
 Modesto aceitando ,
 A odios., a ralhos
 Não dava lugar.

Notando taes ditas
 Malévola Pêga ,
 Vaidosa , palreira ,
 D'est'arte desprega
 A voz chocalheira ,
 Que a faz detestar.

„ Senhor Papagaio ,
 „ Pois tanto he prendado ,
 „ Me diga o motivo ,
 „ A culpa , o peccado ,
 „ Que o torna cativo !
 „ Acaso he fallar ?

„ Eu fallo tambem ,
 „ Mas quanto profiro
 „ Tem sempre tal peso ,
 „ Que a todos admiro :
 „ Ah ! diga , está preso
 „ Por muito galrar ?

O bom Papagaio
 Irado , offendido
 Da insulsa arrogancia ,
 Com tom desabrido
 Bradou „ Que jactancia
 „ Te faz delirar !

„ Eu galro !.. E tu roubas
 „ A quem te sustenta ,
 „ Audaz linguareira ,
 „ Immunda avarenta :
 „ Ah ! vai-te , se inteira
 „ Quizeres ficar.

Quem mofa dos outros ,
 Escarneos espere ;
 Quem justo não fôr ,
 Disfarce , tolere ;
 O escudo melhor
 He ver , e calar.

Hic nos frugilegas aspeximus agmine longo
 Grande onus exiguo formicas ore gerentes.
 Parcum genus est, patiensque laborum,
 Quæsitique tenax, et quod quæsita reservet.
Ovidius. M. L. 7. F. 25.

APÓLOGO 6.

O Grillo, e a Formiga.

Repara em teus dissabores
 A quem recorres, a quem !!
 Ha tão fataes Bemfeitores,
 Que tão negras artes tem,
 Que mesmo as almas melhores
 Ingratas sabem tornar.

Queimado os campos havendo
 Invernal saraiva fria,
 Sobrio Grillo em fome ardendo,
 Com força heroica a soffria;
 Mas ao ver que hia morrendo
 Decidio-se a mendigar.

Chegando a rico celleiro
 De Formiga providente
 Lhe tremeo o corpo inteiro ;
 Sabia que em caso urgente
 A cruel nem hum argueiro
 Quiz á Cigarra emprestar.

Mas a quanto obriga a fome !
 Gemendo , .pede esmolinha ,
 Diz que ha dois dias não come :
 N'isto , oh pasmo ! a tal mesquinha
 Lhe responde , , Amigo , tome ,
 , , E va-se remediar.

C'huma palhinha atracado
 Contente o Grillo abalou ;
 Tendo á tóca , em fim , chegado ,
 Com que prazer observou
 Que já de hum , e de outro lado
 Principiava a relvar !

Independente se vio ,
 E o resto do inverno todo
 Tranquillamente dormio ,
 Tendo de comer a rodo :
 Tal passou até o estio
 Sem o minimo desar.

Chegava Julho , eis na hora ,
 Em que tudo refrigerera ,
 Se encontra co' a Bemfeitora ,
 De quem a palhinha houvera ,
 Que lhe diz „ Amigo , agora
 „ Em ti eu vinha a pensar .

„ De tal modo me venceste
 „ Com tuas civis maneiras
 „ Que nunca mais me esqueceste :
 „ Pois hes tão bom , talvez queiras ,
 „ E mesmo te não moleste
 „ A tua Serva ajudar .

„ A' manhãa serei contigo .
 E ao romper d'alva chegou :
 O civil lembrado Amigo
 Até á noite ocupou ,
 Centeio , cevada , trigo ,
 Fez-lhe tudo acarretar .

Depois de assim o trazer
 Tres dias de intenso ardor ,
 O Grillo , já sem poder ,
 Exclamou „ Qual he peor
 „ Penurias , fomes sofrer ,
 „ Ou Bemfeitores achar !

,, Ai de mim ! não posso mais,
,, Adeos Senhora Formiga :
,, Pois todos somos mortaes ,
,, E a Senhora he minha amiga ,
,, Lhe supplico que jámais
,, De mim se queira lembrar.



. Rabie jecur incendente feruntur
 Præcipites, ut saxa jugis abrupta, quibus mons
 Subtrahitur, clivóque latus pendente recedit.

Juvenal. S. 6.

APÓLOGO 7.

O Macaco.

A beira de fundo lago
 Leve Macaco chegou,
 E nas mansas puras agoas
 Os vivos olhos fitou.

Vê seu retrato, e suppõe
 Outro Macaco alli ver,
 Faz enorme carantonha,
 O que lhe he facil fazer.

Espreita, e as tristes visagens
 Inda mais tristes repete,
 O sereno aquoso espelho
 Fielmente lhas reflecte.

Raivando com taes esgares
Guincha contra o Mofador ,
Ergue a mão , corre a punir
O fantastico Aggressor.

Precipita-se , encontrando ,
Em lugar de quem procura ,
Nova , e mais feia carêta ,
Fofa , e vasta sepultura.

Oh Ira ! Quanto hes doidinha !
Quão cegos teus golpes são !
Que hum geito , huma sombra , hum nada
Faça a tua perdição !

Le Harangueur des Vers à soie répondit. Nous ne sommes que de petits vers , mais chacun de nous montre les merveilles de la Nature , et se consume dans un travail utile.

Fenelon. F. 31..

APÓLOGO 8.

A Mosca , e o Bicho de seda.

Mosca inerte , e sem pudor ,
Em malicias eminente , .
Fallando em tom de maior
Co' o Bichinho diligente
Da seda fabricador ,

Lhe diz , , Não percas o tino ,
,, Vai proseguindo , trabalha :
,, Nem sempre o cruel Destino ,
,, Que hoje a vida te enxovalha ,
,, Comtigo será ferino .

„ Qual eu vivo has de viver,
 „ Has de voar sem ter lidas,
 „ Além das do teu prazer:
 „ De passeios, de comidas,
 „ De regalos te has de encher.

D'este aviso petulante
 Quão attonito ficou
 O cuidoso Fabricante !
 Quão irritado encarou
 A Profetiza ignorante !

Respondendo-lhe „ E que mais
 „ Hum nescio alcançar quizéra ?
 „ Tal ocio, vilezas taes,
 „ Tal vida pejo me déra :
 „ E vós outras a gabais !

„ Lído, e a lída não me enfada ;
 „ A modesta Formosura
 „ Será por mim exornada :
 „ Nos indicios da ventura
 „ Ver-se-á esta obra empregada.

„ Por mim de fausto maior
 „ Cobrir-se-ão do Eterno os templos :
 „ Vai-te, o vicio faz-me horror ,
 „ Não me cégão vís exemplos ,
 „ Bem que os doire egregia côr.

Disse , e a quem o importunava
Despeitoso as costas vira ,
Não mais ouvilla jurava :
Mas , pensando no que ouvira ,
Triste , e frôxo trabalhava .

Nunca em nós hum fim sublime
Presuppõe os Viciosos ;
E seu tacto infesto imprime
Certa incuria aos mais Briosos :
Nem o Sabio a tal se exime .

Il serait essentiel d'accoutumer la jeunesse bouillante à calmer l'impatience, à se soumettre à la nécessité, contre laquelle il est toujours inutile de se revoler, et de la premunir ainsi contre les adversités dont personne ne peut se flatter d'être toujours exempt.

Morale Universelle. S. 2. C. 14.

APÓLOGO 9.

O Jasmineiro.

Hum Jasmineiro crescia
A velho Muro encostado;
A's vezes enxovalhado
Se contemplava, e gemia.

As florinhas quiz brioso
A tanto insulto esquivar,
A proteção dispensar
Do esb'roado arrimo annoso.

Esforçando-se afastou
 As raizes caprichosas ,
 As fragrancias deleitosas
 Independente exhalou.

Co' os Favonios brincadores
 Orgulhoso se menêa ,
 Desafogado alardêa
 Os graciosos verdores.

Porém quando mais se apraz
 Da nobre sua isenção ,
 Repentino Furacão
 O desarreiga , e desfaz.

Que melindres ha de ter
 Quem de amparo necessita ?
 Se acaso o máo trato evita ,
 De fraco pode morrer.

En vérité le mentir est un maudit vice. Nous ne sommes hommes, et ne nous tenons les uns aux autres que par la parole. Si nous en cognoissions l'horreur, et le poids, nous le poursuivrions à feu, plus justement que d'autres crimes.

Montaigne. E. L. 1. C. 9,

APÓLOGO 10.

A Gralha.

SEm modestia alguma
Vil Gralha grasnava,
Agoiros soltava,
E crença nenhuma
Podia alcançar.

Por vãa terrorista,
Audaz mentirosa,
Fingida, manhosa,
Estava malquista
Sem nada lucrar.

Hum dia os Filhinhos
 Molestos deixou ,
 Auxilio implorou
 A mil Passarinhos ,
 E poz-se a chorar.

„ No logro não caio ,
 Logo hum respondeo ,
 „ Tão nescio sou eu !
 „ Que amor , que desmaio
 „ Nos vem affectar !

„ Olá que mofina !
 Eis outro exclamou ,
 „ Que idéa buscou !
 „ Tambem a Menina
 „ He dada a mangar ?

Apupos zunirão
 Sem termo , sem dó ,
 Nem mesmo houve hum só
 De quantos a ouvirão ,
 Que a fosse ajudar.

Com rogos perdidos
 Sozinha abalou ,
 O ninho avistou ,
 E os Filhos queridos
 Achou a expirar.

Mentindo , enganando ,
Tal nome has de ter ,
Que ver-te-ão gemer
De magoa estalando ,
E te hão de zombar.

Colligit os rabiem , solitæque cupidine cædis
 Utitur in pecudes ; et nunc quoque sanguine gaudet :
 Fit Lopus.

Ovidius. M. L. 1. F. 6.

APÓLOGO 11.

O Lobo , e o Milhafre.

I nda o sangue de hum cordeiro
 Voraz Lobo gotejava ,
 E n'hum verde prado andando
 Outro cordeiro buscava.

Quando ao ver veloz Milhafre ,
 Que hum passarinho agarrou ,
 O nosso bom Moralista
 Taes injurias fulminou :

„ Traidor , faminto Milhafre
 „ Deixa em paz as avezinhas :
 „ Para fartar-te , ó cruel ,
 „ Não bastão estas hervinhas ?

Taes olhos, tal consciencia
Quasi todo o Mundo tem:
Não vêmos nossos defeitos,
Mas os de outrem muito bem.

**Aculeum Apibus Natura dedit. Ad unum ictum
hoc infixo, qnidam eas statim emori putant.**

Plinius. L. 11, L. 9.

**Illis ira modum supra est, læsæque venenum
Morsibus inspirant, et spicula cæca relinquuat
Adfixæ venis, animasque in vulnere ponunt.**

Virgilius. G. L. 4.

APÓLOGO 12.

A Abelhinha.

Avez primeira chegava,
Em que doirada Abelhinha
Aos floreos prados voava;
Alvoroçada, e sozinha
Já se propunha a partir.

,, Escuta (lhe diz então
Aquella, a quem deve o ser)
,, Escuta, Filha, a razão,
,, Que me faz estrémececer;
,, Não te pèse de me ouvir.

„ Vais entrar n'hum Mundo novo,
 „ N'hum Mundo , em que se mantem
 „ Diverso , infinito Pôvo ;
 „ Sê cauta , vê que ninguem
 „ Sem risco pode lá ir.

„ Nos porém mor p'rigo havêmos :
 „ Se hum agravo nos molesta ,
 „ Mais nos dóe , se o defendêmos ;
 „ A raiva nos he infesta ,
 „ Nos pode a morte attrahir.

„ Evita encontros , e vai.
 Eis que a Louquinha contente
 Do manso cortiço sae ;
 E ha quem diga que insolente
 Se poz do conselho a rir.

Tal não creio , he só verdade ,
 Que jamais se contestou ,
 A desenvolta anciadade ,
 Com que ás flôres se lançou
 Sem encontros prevenir.

Sucedeo pois que huma Ovelha
 No mesmo instante a encontrasse ,
 E a vãa pequenina Abelha
 Casualmente pisasse :
 Ei-la raivosa a zunir.

E com tanta indignação
Ficou de ver-se pisada
Que o penetrante ferrão
Dardejou desatinada ,
Sem fartar-se de ferir.

O defensivo instrumento
A Vingativa perdeo ,
Sem elle , e já sem alento
Na colmeia se acolheo ,
De tal maneira a carpir :

,, Mäi querida , eis-me aqui morta
,, Por não ser obediente.
,, Ai de mim ! quem me conforta !
,, Huma vingança imprudente
,, Que penas me faz sentir !

Le Cheval voit le péril , et l'affronte , il se fait au bruit des armes , il l'aime , il le cherche.

Buffon.

Le Bœuf est pesant , lache , et timide.

Encyclopédie.

APÓLOGO 13.

O Pôtro , e o Novilho.

Huma eterna amizade altivo Pôtro ,
E bom Novilho candidos jurávão ;
Idade , patria , educação , recreios
Seus innocentes corações ligávão.

Separados alfim que dôr houvrão !
Quanto foi meiga a despedida sua !
„ Jámais o tempo , repetião ambos ,
„ Tão grato sentimento diminua.

Cabendo o Pôtro a Cidadão faustoso ,
N'hum aureo coche prontamente o emprega ;
Cabe o Novilho a sordido Carreiro ,
Que rude a lídas mui crueis o entrega.

Depois de prolongado apartamento
Vem a encontrar-se n'hum caminho estreito ,
Ai quão mudados ! Hum soberbo , e rico ,
O outro ás mais vís humiliações affeito.

Disputando-se o passo , o Pôtro escuma ,
Irado investe o desditoso Amigo ,
Cobrindo-o de baldões , fuma , e se antolha
Esbrazeado n'hum rancor antigo..

Em vãas promessas credulo confias ?
Oh Misero ! O Feliz de ti se afasta !
Nos infortunios teus busca outro apoio ,
E dentro em ti ; sê virtuoso , e basta.



Fit nova Cycnus avis , nec se cæloque , Jovique
 Credit, ut injuste missi memor ignis ab illo.
 Stagna petit , patulos que lacus , ignemque perosus ,
 Quæ colat , elegit contraria flumina flammis.

Ovidius. M. L. 2. F. 2.

APÓLOGO 14.

O Cisne , e os dois Gansos.

Nhum grande lago andando
 Mui alvo Cisne airoso ,
 As aguas retalhando ,
 Sereno , e magestoso
 Se via divagar.

D'aquelle espaço ingente
 Despotico Senhor ,
 Na estiva quadra ardente
 Sem tédio , sem calor
 Sohia alli passar.

Dois Gansos apressados
 Do lago á borda chégão ,
 E tristes , e encalmados
 Taes súpplicas empregão ,
 Tentando n'elle entrar.

Assim hum d'elles falla :
 „ O' Cisne , ó grão Cantor ,
 „ A quem nenhum iguala ,
 „ Ao teu admirador
 „ Permitte aqui nadar.

Prosegue o Socio então :
 „ Bom Cisne , eu sei te agrada
 „ A paz , a solidão ,
 „ Hum poucachinho , hum nada
 „ Me deixa refrescar.

Escuta o Cisne attento
 Taes gabos , rogos taes ,
 E a voz soltando isento
 Responde „ E quem jámais
 „ O Cisne ouvio cantar ?

„ Mentiste ; e vāo , e arteiro
 „ O teu dever esqueces !
 „ Ah ! foge ó Lisongeiro .
 „ E tu que me conheces
 „ Me vem acompanhar .

Cativa o coração
Hum candido louvor:
A tôrpe adulação
Ao sabio causa horror,
Em vez de lhe agradar.



L'envie , ce tyran acharné du merite , des talens ,
de la vertu , est une disposition insociable que fait
hair tous ceux qui possèdent des avantages et des
qualités estimables.

Morale Universelle. S. 3. C. 6.

APÓLOGO 15.

O Melro , e o Corvo.

Lindo em voz , em cores feio
Não soberbo hum Melro havia ,
Que pacifico vivia ,
De honra , e gloria , e mimos cheio.

Negro Corvo que tal vê
Lhe diz ralado de inveja :
„ Mal haja quem te corteja ,
„ Quem te escuta , quem te crê.

„ Dize ó Monstro de maldade ,
„ Hes mais alvo do que eu sou ?
„ Qual de nós o Ceo dotou
„ De maior sagacidade ?

„ Sobrepupo-te em grandeza,
„ Na idade, e forças tambem.
„ E que me não busque alguem !
„ Oh que injuria á Natureza !

„ Disseste ? Lhe torna então
Ó Cantor melodioso.
„ Ser forte , sagaz , e annoso -
„ Respeitaveis dotes são :

„ Mas outras coisas requer
„ A melindrosa Amizade ;
„ Prazer , ternura , verdade ,
„ Não respeitos , não poder.

L'Alouette s'elege assez haut, il plane qnelques momens, et retombe presque à la même place, en continuant toujours de chanter, et de chanter fort agreablement. Le chant des Perdrix est fort peu agréable, c'est moins un chant, ou un ramage, qu'un cri aigre imitant assez bien le bruit d'une scie. C'est un oiseau fort pesant.

Buffon.

APOLOGO 16.

Os Cochichos, e os Perdigotos.

Na tenra infancia huns Cochichos
Travárão grande amizade
C'os Filhos de hum Perdigão:
Visinhança, e pouca idade
Formárão tal união.

A Mãi d'aquelles olhava
Com pesar tal convivencia;
Mas, respeitando o Visinho,
Unia á condescendencia
Hum affectado carinho.

Nem nas azas , nem na voz
 Adestrar-se os Filhos via ,
 Lhe dava continuo espanto
 Huma fatal companhia ,
 Humilde em vôo , e no canto.

„ Que vergonha ! Os meus Filhinhos ,
 A triste Mäi exclamava ,
 „ Tão inertes ficarão !
 E seus brincos vigiava
 Com despeitosa afflicção.

Mas em fim , o genio opposto
 Taes relações esfriando ,
 Os Cochichos se desgostão
 Dos Socios seus , e cantando
 Os livres ares arrostão.

Seguindo o nativo impulso ,
 Nas densas nuvens se embrênhão ,
 Sonoros canticos tecem ,
 Destemidos se despênhão ,
 E cantando á terra decem.

Não temas debeis comêços
 Quando a indole for boa :
 Faz o tempo o seu dever.
 Quem fraco , e rasteiro vôa
 Poder-se-á mui alto erguer.

Les Tamanduás sont singuliers en ce qu'ils n'ont point de dents , qn'ils ont la langue cylindrique comme celle des oiseaux qu'on appelle Pies , l'ouverture de la bouche très petite , avec laquelle ils ne peuvent mordre , ni presque saisir ; ils tirent seulement leur langue , qui est tres longue , et la mettant à portée des fourmis , ils la retirent lorsqu'elle en est chargée , et ne peuvent se nourrir que par cette industrie.

Buffon.

APÓLOGO 17.

O Tamanduá.

Golôso Tamanduá
Mui perto de hum formigueiro
Aguardava surrateiro
Grande banquete fazer.

Mas vendo que as taes Senhoras
A espairecer não sahião ,
E os desejos , que o moião ,
Não podendo mais conter :

Chega-se á porta , e declama
Com famélica eloquencia :
„ Que singular convivencia !
„ Que virtudes ! Que saber !

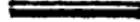
„ Minhas Santinhas tomai
„ Este ingenuo donativo ,
„ Pois do muito , com que vivo ,
„ Quero com vosco expender.

N'isto a cilindrica lingua
Para dentro arremessando ,
Avarento escuro bando
Começa pronto a correr.

Apinhoado sobre ella ,
Ao Bichinho caridoso
Que pêso dá tão mimoso !
Que presagios de prazer !

Ferve a chusma , e cresce tanto ,
Que elle em fim subtrae o engôdo ,
E com galhofeiro modo ,
Gramando-as , pôe-se a dizer :

„ Minhas Tolinhas sabei
„ Quanto o Mundo abunda em trêtas :
„ Os dons mui grandes são pêtas ,
„ Em que ninguem deve crer.



Bubo funebris deserta incolit: noctis monstrum,
nec cantu aliquo vocalis, sed gemitu.

Plinius. L. 10. 16.

Ingemuit Regina Erebi , testemque profanam
Facit avem: sparsumque caput Phlegethontide lympha
In rostrum , et plumas , et grandia lumina vertit.
Ille sibi ablatus fulvis amicitur ab alis ,
Inque caput crescit , longosque reflectitur ungues ,
Vixque movet natas per inertia brachia pennas :
Fædaque fit volucris , venturi nuntia luctus ,
Ignavus Bubo , dirum mortalibus omen.

Ovidius. M. L. 5. F. 12.

APÓLOGO 18.

O Bufo.

P rudente Bufo sombrio
Com tristes guinchos pausados
Grande nome conseguió :
Seus agoiros venerados ,
Qual a voz dos Numes , vio ,
E folgou na solidão.

Feliz, se o lume enganoso
 Da vãagloria o não cegasse !
 Se do applauso insidiosos
 O coração resguardasse !
 E não quizesse orgulhoso
 Mais alta veneração !

Lá sahe em dia nefando
 Do soturno pardieiro,
 Quão desenvolto guinchando !
 O sol, no seu brilho inteiro
 Montes, valles abarcando,
 Tirava toda a illusão.

Notou-se a triste figura
 Do fatídico Impostor,
 A risivel catadura,
 O hipócrita exterior,
 Tudo, em fim, que a Noite escura
 Escondia com razão.

Maldizem quantos o vem
 O respeito, que lhe-houvérão,
 Tamanha vergonha tem,
 De tal modo se exaspérão
 Que se julgou hum ninguem
 Do campo aereo o Catão.

Quem modesto se retira ,
E ao louvor mostra esquivar-se ,
Nos penhora , nos admira ;
Quem o busca sem disfarce
Desagrada , enojo inspira ,
Até mesmo indignação .

Les reproches , que nous faisons au ciel , re-
tombent sur notre propre folie.

Poesies de M. Haller.

APÓLOGO 19.

*A Chamariz , e os Passarinhos que cahirão
na rête.*

Ao deleitoso reclamo
De Chamariz prazenteira
Volatile chusma ligeira
Em rête occulta cahio.

Que improperios odiosos ,
Que negras reprehensões ,
Que terriveis maldições
A gentil Cantora ouvio !

A cabecinha inclinando
De fallar pedio licença ,
E por entre bulha immensa
Taes desculpas proferio :

„ Estando sozinha , e prêsa
 „ Por divertir-me cantava ,
 „ Nenhuns damnos receava ,
 „ O Caçador me illudio .

„ Ora pois , em paz sofrâmos
 „ A commum desgraça nossa ;
 „ Igual imprudencia á vossa
 „ A ferros me conduzio .

O Bando praguejador
 Confundido , envergonhado
 Conheceo que tinha errado
 E , gemendo , se arguô .

Que vezes de nossos erros
 Provêm nossa desventura ,
 E outras causas lhe procura
 Inda o que mais delinquio !

Dat sparso capiti vivacis cornua Cervi,
 Dat spatium collo, summasque cacuminat aures;
 Cum pedibusque manus, cum longis brachia mutat
 Cruribus, et velat maculoso vellere corpus.
 Additus et pavor est, fugit Antoneius heros,
 Et se tam celerem cursu miratur in ipso.

Ovidius. M. L. 3. F. 2.

APÓLOGO 20.

O Veado, e o Caçador.

Hum inexperto Caçador se encontra
 Com Veado gentil de excelsa frente,
 Tímida condição não lhe supondo,
 Respeita a pompa, que deslumbra, e mente.

Eis que nos olhos lagrimas lhe observa,
 E tremebundo ovê; então vaidoso
 Põe-se em batalha, desafia, vence,
 Faz em pedaços o Animal medroso.

Ai! quantas vezes desprezivel susto
 C'rôa de loiros a Fortuna céga!
 O medo, e a submissão, mais que a fraqueza,
 A's garras do Oppressor o Fraco entrega.

Le Bouc porte sous le menton une longue barbe , et repand une tres mauvaise odeur. Un seul peut suffire á plus de cent cinquante chevres.

Encyclopédie de Felice.

APÓLOGO 21.

O Bode , e o Cordeirinho.

C
am bom Cordeirinho
A rir , a brincar
Hum Bode se poz :
E ao simples Visinho,
Taes queixas expoz.

„ Acaso ha motivo
„ Porquê me aborrêção ?
„ Que mal perpetrei ?
„ Em quê sou nocivo
„ Devéras não sei.

„ Que dizes ? O Ceo
 „ Far-me-ia intratavel,
 „ Grosseiro , incivil ?
 „ Que dizes ? Sou eu
 „ Estupido, e vil ?

„ Colérico horror
 „ Meu nome produz !
 „ Que nodoa ha igual ,
 „ Que infamia ha maior
 „ Que ter nome tal !

„ De raiva tamanha ,
 „ De tanto desprezo
 „ Qual he a razão ?
 „ Que falha , que manha ,
 „ Que culpas serão ?

„ Ah ! sê verdadeiro ,
 „ Descobre-me a causa ,
 „ Seja ella qual for .
 Responde o Cordeiro .
 „ Teus vicios , Senhor .

La bienfaisance exercée sans choix est souvent moins une vertu qu'une faiblesse; pour être estimable, elle doit être réglée par la justice, et la prudence.

Morale Universelle. S. 2. C. 9.

APÓLOGO 22.

A Garça, e o Pelicâno.

Nas ferteis margens do Nilo,
Noiva Garça presunçosa,
Tendo o seu ninho a fazer,
Mui serena, e muito airosa.
C' hum Pelicâno foi ter,
Ante o qual assim fallou:

„ Amigo, ha muito nos constão
„ Da tua bondade extrêmos:
„ Eu, e o terno meu Consorte
„ Quantas vezes discorrêmos
„ Sobre essa alma illustre, e forte,
„ Que tanto o Ceo elevou!

„ N'hum apêrto , em que hoje estamos ,
 „ Quem nos devia lembrar ?
 „ O mais querido Parente .
 „ Vem-nos , pois , vem ajudar ,
 „ Que elle anda frôxo , e doente ,
 „ E eu tambem fraquinha estou .

Era o caso , os Mandriões
 Eximir-se desejávão
 Da factura do seu ninho ;
 A preguiça os achacava :
 O Pelicâno sozinho
 Todo o ninho fabricou .

Accommodada , e mui bem ,
 A Senhora appeteceo
 Acipipes , guisadinhos ;
 Do Parente os recebeo :
 Corre o tempo , os seus Filhinhos
 Fóra da casca avistou .

Que conflicto ! Os Pequerruxos
 Precisávão de comer !
 Pede auxilio , e se lhe dá .
 „ Quem tal Amigo tiver
 „ Que outro bem procurará !
 A preguiçosa exclamou .

„ Mas ah ! se tu , qual praticas
 „ C' os queridos Filhos teus ,
 „ Do teu sangue hum pouco desses
 „ Aos lindos Filhinhos meus. . . .
 „ Se tal caridade houvesse. . . .
 Disse , e não continuou :

Pois que então o Pelicâno
 Com sobrecênhio feroz ,
 Relampejando-lhe o rosto ,
 E trovejando-lhe a voz ,
 Bradou „ Façamos-lhe o gosto ;
 „ Que pede ? Sangue ? Eu lho dou.

A' negligente arremette ,
 A sopêa ; e memorando
 O demandado tormento ,
 Tão nova audacia exprobrando ,
 Com medonho aferramento
 O seio lhe espicaçou.

Nem sempre impune se abusa
 De huma excessiva bondade.
 Que disformes vicios gera
 Mal regida humanidade !
 Hum feito bom só prospéra
 Se a prudencia o regulou.

Seu loqueretur, seu taceret juvenis, crimen ex silentio, ex voce.

Tacitus. L. 4. C. 60.

APÓLOGO 23.

O Cuco, e o Rouxinol.

Tendo o ninho seu provído
Do mantimento diario,
Nobre canto ameno, e vario
Hum Rouxinol entoou.

Ocioso Cuco ouvindo-o,
Resmunga „ Que mandrião !
„ Com taes sons engordarão
„ Os Pobrinhos, que gerou !

No dia seguinte o meigo
Vigilante Rouxinol,
Calado , de sol a sol
A buscar sustento andou.

O Cuco attento dizia.
„ Que comilão ! Nada o farta.
„ Máo raio te apanhe , e parta.
„ Já de cantar se enjoou !

Ora pois , digo eu agora ,
Ouvi lá os taes Damnados !
A commentos depravados
Nunca a Virtude escapou.

Animalium hoc maximē brutum.

Plinius. L. 8. 77.

APÓLOGO 24.

O Porco.

Entre Viboras não teme
Misturar-se o Porco immundo,
Não lhe dóe, não o molesta
O veneno furibundo,
Que tão pronto nos infesta.

Em sitio, que taes Reptís
Medonhamente abrigava,
Em paz hum Porco dormia;
De comer alli achava,
Alli contente vivia.

Timorata Lebre, ao longe
D'aquelle lugar passando,
O Dorminhôco avistou,
Põe-se a chamallo, e soltando
Gritos mil, o despertou.

Lhe pondera que Inimigas
Aquelle pascigo esconde,
Com que dolos n'elle jazem:
Grunhe o Porco, e lhe responde.
„ Coitadinhas! Mal não fazem.

Tal o Estupido mil vezes
Vive a Malvados affeito:
Em quem com elles se unir
Suppõe sempre algum proveito,
E não deixes de fugir.

O Arminho he hum galante Animal , mas feroz. Por mais pequeno que seja dá a morte aos maiores Animais , taes como os Alces , e os Ursos ; salta-lhes em huma das orelhas emquanto dormem , alli se agarra , e se aferra com os dentes com tanta ancia , e força , que se não podem ver livres d'elle. A sua agilidade he tamanha que mal se podem seguir com os olhos os seus movimentos.

M. I. da Costa. T. de M. T. 3. p. 294.

APÓLOGO 25.

A Rapôsa fisionomista.

Hum Arminho mui galante ,
Alvo , esperto , e brincador ,
Tomando á Patria rancor ,
Deixa-a , põe-se a viajar .

Levou comsigo o ferino
Implacavel coração ,
Lindeza , e boa feição ,
E mil artes de agradar .

Chegou a Paiz mui dado
 A estudar Fisionomía,
 Que delirava , e mentia ,
 Chamando-lhe adivinar.

Mestre em chefe * huma Rapôsa ,
 Tendo na mão justiceira
 De triste Burro a caveira ,
 Se fazia respeitar.

A testa , o nariz , o casco
 E'rão simbolos famosos ,
 Ou de crimes horrorosos ,
 Ou de virtudes sem par.

Por geitos , por não sei quês ,
 Por coisinhas de nónada
 Decidia a bemfadada ,
 Sem ninguem lhe replicar.

* Adopto a frase , não obstante a grande affeição , que professo aos nossos bons Quinhentistas. Encontrar-se-ão n'estes Apologos , e nas mais Poesias , que trato de imprimir , excepções d'esta , e de semelhante natureza. Quando o uso geral , e excellentes escriptos naturalisão qualquer expressão , he teima , e orgulho mui reprehensivel o tratalla como forasteira.

Sabendo, pois, do Estrangeiro,
 Que havia chegado, o pede,
 O conversa, indaga, mede,
 O faz rir, o faz andar.

„ Sê bem vindo (alfim exclama
 A sagaz Fisionomista)
 „ Que preciosa conquista
 „ Vai este Reino illustrar!

„ Essa alvura, ah! bem me indica
 „ De huma alma ingénua a pureza;
 „ Essa modesta esperteza
 „ Que ternura ha de encerrar!

„ N'esses ageis movimentos,
 „ E n'esse pêllo macío
 „ Hum caracter prestadio
 „ Estou vendo ressumbrar.

„ Sê meu hospede,, E findou.
 Veio a noite, em farta céa
 Novamente o lisongêa,
 E vão-se depois deitar.

Não longe da sabia Mestra
 O bom Arminho ficou,
 De madrugada acordou,
 E lembrou-se de almoçar.

N'hum arremesso suave ,
Carinhoso , prestadio ,
Contra a Rapôsa investio ,
Quiz dos miolos provar.

Enlabusado com elles
Vai-se lambendo , e fugindo .
Lindo rosto , e modo lindo
Quanto nos pode enganar !

Toute notre vie est une étude de vanité , qui nous montre toujours par les endroits par où nous croyons nous distinguer , et plaire.

Massillon. Sermon de l'Assomption.

APÓLOGO 26.

*O Tartaranhão *, e o Abutre.*

Bem que lhe desse a nobreza
Vezes tres bastarda linha ,
Da Real Aguia provinha
Hum fôfo Tartaranhão.

Acanhado , espantadiço ,
Cara a cara não pugnando ,
De seus Pais degenerando
Só rapinhava á traição.

* O Tartaranhão he huma Ave de rapina , que bastardêa , e degenera das Phenas : as Phenas são filhas dos Halietos , e os Halietos filhos degenerados da Aguia. Sobre isto , e no *quidlibet audendi* da Poesia fundamentei o principio d'este Apologo.

Mas quanto não tinha em forças
 Em palavrorio supria,
 Os seus Avós descrevia
 Com sédica erudição.

Até aqui paciencia ,
 Cada qual do seu se nutre ;
 Mas murmurar de hum Abutre
 O nosso Fidalgarrão !

Não que os vicios lhe increpasse
 Roubos , mortes , violencias ,
 E outras que taes minudencias ,
 Porém só a geração .

Sahe a campo o duro Athleta
 Mal soube tal desaforo ,
 E com fingido decoro
 Se dirige ao Farfalhão .

Dizendo „ Amigo , quem ha
 „ Que viva em paz sobre a Terra ?
 „ Se o Demonio nos faz guerra ,
 „ Quem terá quietação ?

„ Nem tu mesmo , ó Ramo illustre
 „ Do Regio Tronco supremo ;
 „ Ha quem note (eu ardo , e tremo)
 „ Que hes nas obras hum villão .

,, Eia , desmente Invejosos.
Mais não diz ; o investe , e mata.
E tal Senhor assim trata
Tendo-lhe visto o brazão !

Quem , não pago de ser grande ,
Quer os outros humilhar
Que forças deve ganhar !
Mesmo as d'Aguia poucas são.

Le Renard-est fameux par ses ruses , ce que le Loup ne fait que par la force , il le fait par adresse , et réussit plus souvent. Il emploie plus d'esprit que de mouvement , ses ressources semblent être en lui même. Fin autant que circonspect , ingénieux , et prudent , même jusqu'à la patience , il varie sa conduite , il a de moyens de réserve , qu'il sait n'employer qu'à propos.

Buffon.

APÓLOGO 27.

A Rapôsa , e o Lobo

O crepúsculo raiava
De fresca manhãa formosa ,
A Natureza exultava ;
Só Rapôsa lacrimosa
Os seus fados pranteava :

Que não he pouca desgraça
Inutil gâna de almôço !
Roaz Lobo n'isto passa ;
Vinha cheio de alvorôço ,
Ensanguentado da caça.

De bom tamanho hum cabrito
 Trazia lançado ás costas ,
 Ganho em Mavorcio conflicto ,
 Com falta de algumas postas ,
 Segundo o que vi escrito.

Chegou-se a Rapôsa arteira
 Ao Compadre , e o festejou ;
 Mui sagaz , e interesseira
 A proeza lhe gabou
 Com aurea voz lisongeira.

Acabou choramigando ,
 Pois desalenta , e definha
 A gorda rês contemplando ,
 Pede humilde huma orelinha ,
 Com que se vá esteando.

Ouvindo-a o feroz Compadre ,
 N'estes dicterios prorompe :
 „ E que a mim o Cão me ladre !
 „ Que me estafe ! Que me estrompe !
 „ Bravo Senhora Comadre.

„ Que tretas ! . . . Disse , e correo.
 Exclama a Rapôsa então :
 „ Que grande tola fui eu !
 „ Maldito seja o Leão !
 „ Louvar-me o prestimo teu ! . . .

A tal nome o Lobo pára,
 E sua alma nobre, e terna,
 Os ais da Rapôsa ampara,
 Com ella comendo a perna,
 Que sem damno algum ficára.

Roga-lhe, em fim, com fervor
 Que de seus respeitos faça
 O bom Leão sabedor.
 „ Oh que lôgro ! Oh que negaça !
 „ Que sei eu de tal Senhor ?

Diz a Rapôsa ; e d'alli
 Já fugia, regongando :
 „ Em vão de fome gemi,
 „ Mentindo, basofiando,
 „ Remediada me vi.

E nós outros mentirêmos ,
 Como mentio a Gulosa ?
 Não : com geito pedirêmos .
 Hum poucachinho Rapôsa
 Entre Lobos nos farêmos.

Mox æstu aucto in totum alia vox fit, nec modulata, aut varia.

Plinius. L. 10. 43.

Les grandes pensées viennent du cœur

Vauvenargues. Maximes.

APÓLOGO 28.

O Rouxinol cantando no inverno.

Cedendo hum Rouxinol
A rogos, e a louvores,
Do inverno entre os horrores
Resolve-se a cantar.

Oh quem o supporia!
O Musico afamado
Tremendo, desmaiado
Começa a titubar.

E frôxa, e contrafeita
A terna voz descahe,
Em lídas vaãs se esvahê
Até desafinar.

As tristes Avezinhas,
Que o caso presencêão,
Com dor , e pasmo ancêão ,
E põe-se a murmurar.

Então o Rouxinol
Os canticos deixando ,
E a livre voz tomando
Declama a suspirar :

„ O' fontes , ó florestas ,
„ O' zéfiros macios ,
„ O' meigos desafios ,
„ Ah ! vinde-me animar .

„ Risonha Natureza ,
„ Filhinhos , terna Esposa ,
„ A voz melodiosa
„ Fareis resuscitar .

„ Se estimulos não tem ,
„ Afraca o mor talento ;
„ A força de hum tormento
„ O pode suffocar .

„ Quanto ha de mais sublime
„ O inspira o coração :
„ Jámais pôde a razão
„ Tamanhos vôos dar .



Coturnices , parva avis , et cùm ad nos venit,
terrestris potius, quam sublimis.

Plinius. L. 10. 33.

..... Nunc quoque turpes
Litibus exercent linguas, pulsoque pudore,
Quamvis sint sub aqua, sub aqua maledicere tentant,
Vox quoque jam rauca est, inflataque colla tumescunt,
Ipsaque dilatant patulos convitia rictus :
Terga caput tangunt, colla intercepta videntur :
Spina viret; venter, pars maxima corporis , albet ;
Limosoque novæ saliunt in gurgite Kanæ.

Ovidius. M. L. 6. F. 5.

APÓLOGO 29.

As Codornizes, e a Rãa.

D uas sabias Codornizes,
Longa viagem findando ,
Seus trabalhos celebrávão ;
Enormes peixes pintando ,
Estremecião , pasmávão .

Não lhes faltava Auditorio,
 Pois taes descripções fazião
 Junto de escura alagôa ,
 Onde tristes Raãs vivião ,
 Gente nescia , porém boa.

Com gosto de ser ouvidas ,
 No furor de parolar
 As Viajantes se empênhão ,
 Té que emfim a Raã * do mar ,
 Mui feio bicho desênhão.

O nome lhe pronuncião ,
 E a tremer fazem menção
 Da chata , horrenda figura ,
 Da total desproporção ,
 Da cornigera armadura.

Tal ouvindo huma das Raãs
 Grita „ Olá , mais cortezia ,
 „ Mais prudencia , e mais disfarce. „ ,
 E á cabeça as mãos erguia
 Mui sisúda a examinar-se.

* A Raã do mar he hum peixe monstruoso ,
 chato , e com bicos na cabeça. Batrachos. vel
 Rana marina, Moraes. D. da L. P.

Em que laços o amor proprio
Nos faz cahir a miúdo !
C' hum nome dubio se empina !
Desgraças , miserias , tudo
Que ha de infausto o não ensina.

..... Non ulla est oleis cultura: neque illæ
 Procurvam exspectant falcem, rastrosque tenaces;
 Cùm semel hæserunt arvis, aurasque tulerunt.
 Ipsa satis tellus, cùm dente recluditur unco,
 Sufficit humorem, et gravidas cùm vomere fruges.
 Hoc pinguem, et placitum paci nutritor Olivam.

Virgilius. G. L. 2.

APÓLOGO 30.

A Oliveira.

D elicias de seu Dono, ufana erguia
 Verde escura Oliveira a frente airosa,
 De azeitonas innumeras se enchia,
 Sempre virente, sempre graciosa.

Cresceo-lhe a presunção, e o nobre peso
 Dos fructos annuaes doeo-lhe hum tanto,
 O varejada ser toma em desprêzo,
 Ser desbastada lhe motiva espanto.

Julga que ao fausto de hum verdor eterno
Qualquer fadiga impropiamente se une ;
Assim o expõe ao Arbitro Superno
Que a taes vaidades a limita , e pune.

Pois mal o Dono vê que mero afago
De esteril sombra he quanto d'ella alcança ,
Da belleza infructifera não pago ,
Tronco , e ramos desfaz , e ao fôgo os lança.

Tu que o prestimo teu absorves todo
Em vaãs palavras , em risonho aspecto ,
Talvez não cuides que o fagueiro modo
Se torna assim de indignação objecto !

En l'ingratitude n'y a que toute poltronnerie,
et honte.

Charron. De la Sagesse. L. 3. C. 11.

APÓLOGO 31.

O Burro ao Sol.

N'hum d'estes dias de inverno,
Em que o Sol resplandecente
Desfazendo as pardas nuvens
Nos aquece docemente :

N' huma abrigada se acolhe
Velho Burro estropeado ,
E aquenta a pellada pança
Em molle relva deitado.

Consolou-se o dia inteiro ,
Porém mal o Sol findou ,
Zurrando de raiva o Burro ,
Taes pragas vociferou :

„ Maldito Sol porque foges?
„ Sejão-te as pernas quebradas,
„ Ardentes raios te queimem
„ Essas melênas doiradas.

Eis a quanto hum peito vil,
Huma alma ingrata se atreve!
Não se frustre com Jumentos
O que á Virtude se deve.

Il n'y a qu'un Beau dont l'utile est le fondement: ainsi tout ce qui est ordonné de maniere a prod nire le plus parfaitement l'effet qu'on se propose , est suprêmement beau.

Essai sur le merite , et la vertu.

APÓLOGO 32.

A Borbolêta , e o Caracol.

Graciosa Borbolêta,
Que á luz do Sol rutilava ,
Entre florinhas vagava
Em fresca manhã de Abril :
Desfrutando os mimos todos
Da Primavera gentil.

Quando mais ufana , e ledá
Os vôosinhos soltou ,
Hum Caracol avistou
Que mui frôxo se movia ,
E c' o seu alvergue ás costas
Por verde planta subia.

„ Que miseria ! que tormento !
 „ Como vem carregadinho !
 „ Receará o Mesquinho
 „ Que se lhe roube a pousada ?
 „ Tem razão , ella he bonita ,
 „ Merece ser invejada .

Dizia a Vaidosa , e n'isto
 Se nublou o claro Ceo ,
 Frio chuveiro desceo ,
 Com furor tudo accommette :
 O Caracol de repente
 Na sua estancia se mette .

Busca abrigo a Borbolêta ,
 Não o encontra , desespera ,
 Nos seus trabalhos pondera ,
 Se vê ensopada , e diz :
 „ Que eu seja tão desditosa !
 „ E o Caracol tão feliz !

Mais não folga a Borbolêta
 Scintillando á luz do Sol
 Do que exulta o Caracol
 Escapando á chuva , e frio .
 Que fealdade se encontra
 No que nos he prestadio ?

Les grandes prosperités nous aveuglent , nous transportent , nous égarent. Les mauvais succès sont les seuls maîtres qui peuvent nous reprendre utilement , et nous arracher cet aveu d'avoir fail- li , qui coûte tant à notre orgueil.

Bossuet. O. F. de la Reine d'Angleterre.

APÓLOGO 33.

O Açôr , e os Passarinhos.

Açôr mui velho , e esfalfado
Por cruentas valentias ,
Entre humas faias sombrias
Quiz dormir a seu sabôr :

Toma pouso , e a voz erguendo ,
Bem que trémula , mui dura ,
A toda aquella Espessura
Mandou em silencio pôr.

Os folgazões Passarinhos
 De tal ordem motejárão,
 A brincar continuárão,
 Fizérão bulha maior.

„ Olá , não mandei calar-vos ,
 O Decrépito lhes diz ,
 „ Quem té'gora a quanto eu quiz
 „ Ousou resistencia oppor ?

Tão demente fanfarrice
 Produzio atroz peleja ,
 O Miseravel arquêja
 Entre fraqueza , e furor.

Aturdido , espicaçado ,
 Já sem pennas estrabuxa ,
 E do fundo d'alma puxa.
 Vozes taes , submerso em dôr.

„ Quem foi grande , e cahe , e muda ,
 „ Trabalhe por esquecer
 „ O já exticto poder ,
 „ E cuide bem no que fôr.



Tous les bienfaits ne partent pas de la bienfaisance. Le Bienfaiteur est quelquefois aussi éloigné de la bienfaisance , que le prodigue l'est de la générosité.

Duclos. C. surles M.

APÓLOGO 34.

O Cão, o Gato, e o Ratinho.

Na presença de hum Ratinho
Nobre Cão a morte dava
A traidor Gato daninho ;
Cruel vingança tomava ,
Nunca em taes feitos mesquinho.

O noviço Expectador ,
Ao ver que o Gato morria ,
Ganhando ao Cão muito amor
Por julgar que o protegia ,
Lhe falla n'este theor :

„ Feliz de quem mereceo
 „ Vossa efficaz protéção,
 „ E á piedade vos moveo!
 „ Huma eterna gratidão
 „ Vos protesto, Senhor meu.

Responde o Cão „ Que escutei !
 „ Vai-te embora , e bem seguro
 „ Que foi por mim que o matei.
 „ Por valer-te affirmo , e juro
 „ Nem huma unhada lhe dei.

Se exemplo tal se tomasse ,
 Se o Bemfazêjo a razão
 Dos bens que faz declarasse ,
 Contra a feia Ingratidão
 Talvez pouco se gritasse.



Quelle que soit la cause de la sympathie, et de quelque maniere qu'elle soit excitée, rien ne nous plait tant que de la trouver dans les autres à notre égard, et rien ne nous choque davantage que de les en voir manquer.

Smith. Théorie des sentimens moraux. S. 1. C. 2.

APÓLOGO 35.

A Rôla, e a Arára..

Sua triste viuvez
Huma Rolinha chorava,
As virtudes recordava
Do querido Esposo seu.

Vivia no occulto seio
De medonho bosque antigo,
Por mui quieto este abrigo,
Por solitario-escolheo.

Hum dia que seus desgostos
 Pranteava mais saudosa
 Veloz Arára formosa
 Junto d'ella appareceo.

Do terrivel cativeiro
 Os duros sinaes trazia ;
 A' liberdade volvia ,
 Mor donativo do Ceo.

Diz a Rolinha comsigo ,
 Ao ver a bella Estrangeira :
 „ Que sensivel Companheira
 „ N'esta Infeliz terei eu !

„ De tormentos não ignara
 „ Doer-lhe-á o pranto alheio :
 „ Como a proposito veio
 „ Adoçar o estado meu !

„ Movâmos , desafiêmos
 „ Sua terna simpatia.
 N'isto a dôr , que a consumia ,
 Em tristonhos ais rompeo.

Ouvindo-os a libertada
 Prisioneira Americana
 Mui tontinha , e muito ufana
 Aos gemidos respondeo :

„ Porque suspiras ? Será
 „ Por te faltar gentileza ?
 „ Bem traidor, que a Natureza
 „ Sobejamente me deo !

„ Amiga, não te lastimes,
 „ Não me invejes, vais errada,
 „ Se a belleza me foi dada
 „ Ella em ferros me involveo.

De tão frivulos conselhos
 A Viuvinha enjoada
 Fugio d'allí azoinada,
 Vio-se sozinha, e gêmeo.

Com simpaticos impulsos
 Se illudem mil corações:
 Repentinhas decisões,
 Mal de quem vos não temeo !

Quippe Deûm genitor fraudem, et perjuria quondam
 Cercopum exosus, gentisque admissa dolosæ,
 In deformè viros animal mutavit, ut iidem
 Dissimiles hominí possent similesque videri.

Ovidius. M. L. 14. F. 3.

APOLOGO 36.

O Bugio imitador do Homem caritativo.

Junto ao rico Dono seu
 Regalando-se hum Bugio
 Com restos de lauta cêa
 Triste Indigente acodio,
 Que exclamou „ Ah ! quem me estrêa ,
 „ Que estou de fome a expirar.

„ A'pressa , trágão-lhe aqui ,
 Brada o Varão caridoso ,
 „ Trágão-lhe já de comer.
 E singelo , e carinhoso
 Gemia , vendo-o gemer ,
 Chorava , vendo-o chorar.

Entretanto o Mono astuto
 Imitava o seu Senhor,
 Ora mostrava impaciencia,
 Ora espantos, ora dôr,
 E foi tal sua impudencia
 Que o vírão lagrimejar.

Chegando emfim hum bem farto
 Almoço caritativo,
 O Mono arreganha os dentes,
 E com gesto convulsivo,
 Soltando guinchos pungentes,
 O quiz raivoso atracar.

Que direis falsos Devotos
 Se eu clamar „ Ei-los aqui :
 „ Nas apparencias mais rudes
 „ Mui piedosos sempre os vi,
 „ Mas nas solidas virtudes
 „ Tambem sempre os vi falhar.

La Belétte grimpe aux colombiers, prend les pigeons , les moineaux &. Lorsqu'elle veut monter sur un arbre elle fait un bond par lequel elle s'elevé tout d'un coup à plusieurs pieds de hauteur. La Belétte loin de s'apprivoiser est si sauvage qu'elle ne veut pas manger lorsqu'on le regarde , elle est dans une agitation continue.

Buffon.

APÓLOGO 37.

A Doninha, e o Ratinho.

Lambendo o restante
De sangue inda quente
Doninha triunfante
Himpando , contente
Sahio de hum pombal.

Travesso Ratinho
Que a vio resmungou ,
Dizendo „ O Bichinho
„ Quão bem se tratou !
„ E queirão-lhe mal !

„ Ao menos por hoje
„ He justo se creia
„ Que o sangue lhe enoje:
„ Ai! como se anceia!
„ Desmaia! Que tal!

Não bem acabando
O vê a Traidora,
Esforço tomando,
Assalta, devora
O tenro Animal.

De longe previne
Do Imigo a crueza:
Jámai se imagine
Descuido, ou fraqueza
N'hum odio mortal.

Sumite materiam vestris , qui scribitis , æquam
 Viribus , et versate diu , quid ferre recusent ,
 Quid valeant humeri.

Horatius. A. P.

APÓLOGO 38.

O Tutinegro.

O medio estilo tomando ,
 Qual Natura lho inspirava ,
 Suave prazer causava
 Tutinegro alegre , e brando .

Porém vendo mais louvado
 Ao Rouxinol , exaspera ,
 E presunçôso se esmera
 Em ser qual o Orfeo alado .

A copiallo se mette ,
 A voz natural depõe ,
 Vozêa quanto compõe
 N'hum ridiculo falsête .

Em vez de aplausos excita
Assobios vergonhosos,
Mais fortes, mais furiosos,
Quanto mais se esforça, e agita.

Não queiras audaz subir
Se a Natureza te impede:
Quem suas forças não mede
Está proximo a cahir.

Amasis fit dire à Bias de prendre dans une victime ce qu'il croiroit le meilleur , et le plus mauvais. Le Philosophe en ôta la langue , qu'il regardoit comme l'instrument à la fois le plus nuisible , et le plus utile.

Plutarque. Comment on doit écouter.

APÓLOGO 39.

A Cigarra.

D^efronte de hum formigueiro
Cigarra importuna estava ,
Com aspecto sobranceiro
As fadigas contemplava
D'aquelle Pôvo feliz.

E sorrindo-se orgulhosa
Vociféra „ Ai ! coitadinhas !
„ A que tarefa penosa
„ As minhas boas Visinhas
„ Avaramente se dão !

„ Talvez se cantar soubessem
 „ Não tanto se estafarião !
 „ Mais dó que louvor merecem.
 „ Que bruteza ! Só vigião
 „ Em ter muito de comer !

Disse , e prorompe em cantigas ,
 Que a pacienza despedáçao ,
 Párão de espanto as Formigas ,
 A'ves sem tino esvoáçao ,
 Tudo atordôa ao redor :

Não a intrepido Ginete ,
 Que ao som de terrivel praga
 Contra a Madraça arremette ;
 Debaixo dos pés a esmaga ,
 A taes desordens dá fim.

Chamem-lhe impropio rigor
 Com tão nojenta Inimiga ;
 O que he justo he antepor
 O silencio da Formiga
 A vozes rudes , e vãas.

Sed quis non jure miretur , arborem umbrœ
gratia tantum ex alieno petitam orbe ? Platanus
hæc est.

Plinius. L. 8. 77.

APÓLOGO 40.

O Plátano.

D e ver que em suas aprazíveis sombras
Na ardente sesta refrigerio dava
Plátano excelso que prazer sentia !
Quão pronto , e meigo os ramos debruçava !

E cobiçando ministrar mais amplo
Seus generosos dons , cogita ancioso ,
Se esforça , estende os corpulentos braços ,
E se espedaça o Tronco virtuoso.

Nos cumpre haver moderação em tudo ,
Té das virtudes na mais nobre , e bella :
A's vezes na bondade o excesso he vicio ,
Quem benéfico for haja cautella.

Ulysse, lançant un regard irrité, repondit. Ami, je ne te dis point d'injures , je ne te fais aucun tort , et ne te porterai point envie , te comblât-on ici de presens. Ne t' avise pas de me toucher, et me defiant au combat de provoquer ma colere ; ou malgré ma decrepitude , j'ensanglanterai ta bouche , et ton sein : alors je serai bien sûr demain de jouir ici du repos; car tu ne reparoîtras de tes jours dans le palais d'Ulysse fils de Laerte.

Homere. Odyssée. C. 18.

APÓLOGO 41.

O Elefante, e o Macaco.

H um Macaco petulante,
Hindo com outros á caça,
Quiz mostrar despejo , e graça ,
Quiz ganhar estimação.

E ao ver , não longe , h̄um tranquillo
Elefante monstruoso
Grita o loquaz Gracioso :
„ Reparem , que figurão !

„ Dizem que tem grande instin^cto,
 „ E que he de bondade esmero,
 „ Vèllo-ei, perder não quero
 „ Tão propicia occasião.

Ri-se , pula , e junto d'elle
 Franzindo a torpe carranca ,
 Declamou „ Ah , quem desbanca
 „ Tamanha moderação !

„ E o Senhor não só he sabio ,
 „ Tem garbo , tem formosura ;
 „ Oh que tão linda figura !
 „ Oh que tromba ! Oh que feição !

„ Tomára saber-lhe o peso ,
 „ Ha de ser cousa espantosa !
 „ E quanto lhe fica airòsa !
 „ Digão lá que he aleijão !

Taes sarcasmos o Elefante
 Sem dar hum passo escutou ,
 Só responde „ Aqui estou ,
 Tome o peso ; porque não !

Lança o Macaco o gadanho ,
 Mofa tamanha fazendo
 Que o serio Elefante , ardendo ,
 Rebenta como hum vulcão .

Ergue-o na tromba, e, bramindo,
Quasi ás nuvens o atirou,
Donde cahindo, ficou
Esmigalhado no chão.

Quem, motejando, assobérba
Hum coração generoso,
Pode ter fim lastimoso
Sem que inspire compaixão.



Quantunque il simular sia le più volte
 Ripreso , e dia di mala mente indici ;
 Si trova pure in molte cose , e molte
 Aver fatti evidenti benefici ;
 E danni e biasmi e morti aver già tolte.

Ariosto. O. F. C. 4.

APÓLOGO 42.

O Lobo , e o Jumento.

D e huma famosa caçada ,
 Feita a Lobos , hum ficou
 Tão estrompado , e ferido ,
 Tão tonto que se estirou
 N'hum caminho mui seguido.

Não sei como alli chegando ,
 Triste pacáto Jumento
 Esbarra no tal Senhor ,
 E mais ligeiro que attento
 Recúa cheio de horror.

O Lobo , que não supunha
 Inspirar medo , imagina
 Que elle o vai denunciar
 A' feroz Tropa canina ,
 E submisso põe-se a uivar :

„ Amigo Burro , não queiras
 „ Apressar a minha morte ;
 „ Sem já força alguma ter ,
 „ Maltratado d'esta sorte
 „ Que mal te posso fazer ?

A taes uivos mui ufano ,
 Muito alegre o Burro fica ;
 Quão sereno se despeja !
 Chega-se ao Lobo , tropica ,
 E sisudamente orneja .

„ Com que he certo o que me dizes ?
 N'isto hum coice lhe arremessa ,
 E a queixada lhe desfaz ;
 De novo a graça começa ,
 E o casco em postas lhe faz .

He bem feito. A tal Magano
 Os seus desastres pondéra !
 A extrema dôr cega , e trahe .
 Quem ser temido podéra
 Debaixo de coices cahe .

Ante omnes nobilem Arabia Phænicem , haud
scio an fabulose , unum in toto orbe , nec visum
magnopere.

Plinius. L. 10. 2.

APÓLOGO 43.

A Fenix.

Linda , e moça renascia
A rara Fenix annosa :
Com que transportes a via
A Patria sua ditosa !

N' huma voz o Pôvo alado
Lhe julga o Real Poder ,
Mesmo d'Aguia ingenuo brado
Assella o geral prazer.

Da vontade universal
Foi interprete , e fautora ,
Quem na voz não tem igual ,
A Filoméla sonora.

Depondo os ternos queixumes,
Ante a Fenix falla assim :
„ Prézo os Meus , acato os Numes ,
„ Nada mais me illustra a mim.

„ Todavia , a ti eu venho
„ De alto annuncio Pregoeira ,
„ E do mais sublime empenho
„ Livre , e pura Messageira.

„ Espontaneo Voto ancioso
„ A' Sob'rania te ergueo ;
„ Cede ao rogo fervoroso ,
„ Pasmosa Filha do Ceo.

„ O preclaro Sceptro aceita
„ Do espaçoso Campo ethereo ,
„ Das Aves á mais perfeita
„ Cumpre haver tamanho Imperio.

„ Sobe ao Throno , sê feliz ;
„ Toma , exerce o Regio Mando .
Sorri-se a Fenix , e diz :
„ Sêllo-ei , não o tomardo.

O Maribondo he huma especie de Vespa do Brasil, que vive em sociedade, como a Abelha, e faz varios andares com casinhas para os filhos.

Moraes. D. da L. P.

APÓLOGO 44.

O Maribondo , e a Abelha.

Maribondo impertinente
Ao vêr Abelha engenhosa
A saúda reverente;
De sisuda , e de formosa
Ensôssos gabos lhe dá.

E não tirando resposta ,
Prosegue enfadado assim:
„ Minha Joia , que a desgosta ?
„ He por não louvar-me a mim
„ Que tão caladinha está ?

„ Por ventura não sou eu
 „ Tambem afamado Artista?
 „ Se acaso o trabalho seu
 „ Faz mais bulha, faz mais vista,
 „ Quem lho compra o sentirá.

„ Bulha! Vista! Que illusão!
 „ Isso não he (diz a Abelha)
 „ O porquê louvor me dão:
 „ Quem assim se me assemelha
 „ Fraca estima ganhará.

„ Entre nós eis a diff'rença:
 „ Tu só de apparencias rico,
 „ Em quanto doce mantença
 „ Colher-se-á do que eu fabrico,
 „ Clara luz se extrahirá.

Calou-se, e veloz se afasta
 Pouco altiva da victoria.
 O que disse he quanto basta.
 Util sê, e inteira gloria
 Tuas obras c'roará.

Le Pangolin a les ecailles si dures , et si pointantes qu'elles rebutent tous les animaux de proie, c'est une cuirasse offensive qui blesse autant qu'elle résiste ; les plus cruels , et les plus affamés , tel que le Tigre , le Panthere &c. ne font que de vains efforts pour devorer ces animaux armés , ils les foulent , ils les roulent , mais en même temps ils se font des blessures douloureuses dès qu'ils veulent les saisir.

Buffon.

APÓLOGO 45.

O Terió , e o Tigre.

Mantimento procurando
Mui quietinho , e mui só ,
Divagava hum Terió
Em frutifero palmar.

Feroz Tigre o vê , e avança ,
Tal victoria em pouco havendo ,
E , sobre elle arremettendo ,
O quer de hum golpe levar.

**As pontagudas escamas
Já tinha aberto o Bichinho.
Sem mexer-se, e caladinho
Ouvia o Tigre bramar:**

**Que de qualquer arremesso
Ensanguentado sahia,
Ardendo em raiva tremia,
Dobrava a furia, e o pesar.**

**A cobertura escamosa
Só feridas lhe apresenta,
Exhausto de sangue, intenta
Com perfidias triunfar.**

**E lhe diz „Pazes façâmos,
„ Quem nada teme o propõe,
„ Te resolve, te dispõe
„ A tal Amigo tratar.**

**„ Esconde pronto a meus olhos
„ Essas talhantes bisarmas;
„ Tão hostis, tão feias armas
„ Só deves na guerra usar.**

**„ Tenho ouvido, vai-te andando.
Ó Terió respondeo.
Esforçou-se, pertendeo
Mais as escamas alçar.**

Vive em paz , e te prepara
Entretanto a defender-te ;
E ante quem buscou perder-te
Não te queiras desarmar.

Arcanum neque tu scrutaberis ullius unquam.

Horatius. E. 18. L. 1.

Abditos Principis sensus , et si quod occultius parat , exquirere , inlicitum , anceps : nec ideo adsequare.

Tacitus. L. 6. 8.

APÓLOGO 46.

O Leão , e o Ginete.

Hum Ginete , grão Privado
De façanhoso Leão ,
Observou que trespassado
De recondita afflícção
Gemia o Regio Poder.

Curiosa impaciencia
O joven peito lhe anceia ;
Com temeraria imprudencia
Quanto apprehende , e receia
Ao Monarca faz saber.

Que exclamou „ Tamanha dôr
 „ Em vão disfarçar tentei ,
 „ De ancias taes , de tanto horror
 „ Pois ametade entreguei ,
 „ Não quero a outra esconder.

„ Sabe , pois , que o Throno meu
 „ Vai correr mui grande p'rgo ;
 „ De quem nunca me temeo
 „ Para sempre me desligo ,
 „ Os tratados vou romper.

„ Se extinga o Reino funesto
 „ Do mais perfido Animal ,
 „ Odio eterno lhe protesto :
 „ Este Inimigo fatal
 „ Ha-de vencer-me , ou morrer.

„ O Tigre ! .. N'isto hum profundo
 Silencio opprime o Leão ,
 E com gesto furibundo
 Em tristonha solidão ,
 Rugindo , se foi metter.

Mais de hum mez passado havia
 Solitario , e despeitoso ,
 Quando alta Fama annuncia
 Que hum Exercito espantoso
 Presto o vinha combater.

Ao seu Rei annuncio tal
O bom Ginete levou,
Hia tão frôxo , e mortal ,
Tão dubio balbuciou ,
E deo taes sustos a ver :

Que suspeitoso o Leão
Repentinamente o investe ,
Supondo-o Réo de traição.
,, Morre , diz , ah ! tu fizeste
,, Minhas tenções conhecer.

Poupa-te ao duro carrêgo
De segredos escusados.
Que fatal desassocêgo
Te dá inuteis cuidados ?
Te faz Curioso ser !



A musica he o proprio, soberano, e unico remedio, que pôde applicar-se aos que são mordidos pela Tarantula, que he hum insecto venenoso da feição de Aranha grossa.

Bluteau. V. P.

APÓLOGO 47.

A Tarantula.

Feroz Tarantula infesta,
Que, á proporção que mordia,
Himpando de orgulho ouvia
Mais instrumentos soar :

A voz peçonhenta erguendo
Diz risonha „ Oh quão famosa
„ Me faz o ser venenosa,
„ E tudo a flux lacerar.

A'vante, mãos ao trabalho,
„ Não cessêmos de morder,
„ Possa tão doce prazer
„ Co' as furias minhas medrar.

**E os venenos requintando
Mais ferina se tornou ,
Mais trahio , mais pelejou ,
Fez todos de horror pasmar.**

**A'quelles , que tanto applaudem
Discursos insidiosos ,
E Maldizentes raivosos
Nunca deixão de afagar ,**

**Não se lhes deve o requinte
Da voraz mordacidade ?
He fomentar a Maldade
Os seus ditos festejar.**



Ut nemo in sese tentat descendere ! Nemo !

Persius. S. 4.

APÓLOGO 48.

O Môcho, e o Pombo.

D'entre paredes medonhas
De Castello arruinado,
Quasi ao por-se o claro dia ,
Hum triste Môcho sahia ;
Eis que vê o Malfadado
Alvo Pombinho voar.

A feia terrivel Ave
Ao caminho lhe sahio ,
E tal prática travou :
,, Não ignoras quem eu sou ,
,, E que sempre em mim luzio
,, Hum talento singular.

„ Com tudo , não sei que sorte
 „ Os Genios raros persegue !
 „ Em tristeza sempre envolto ,
 „ Bem que sabios guinchos solto ,
 „ Não ha quem a mim se chegue
 „ Sem maldições me lançar !

„ Que me dizes ? Tu que hes tanto
 „ Agasalhado , e querido !
 „ Como hei de vencer o Fado ,
 „ De tantas penas culpado ,
 „ Comigo tão desabrido ,
 „ Que nada o pôde dobrar ?

„ E queres (responde o ingenuo)
 „ Tenha só culpa o Destino
 „ De tamanha desventura ?
 „ E essa face austera , e dura ,
 „ E o teu ar sempre ferino
 „ Hão de sem culpa ficar ?

„ Intentas dobrar o Fado ?
 „ A condição vai mudando.
 „ Torna-te affavel de esquivo ,
 „ Amacia o modo altivo ,
 „ E bem que feio ficando ,
 „ Não te hão de tanto odiar.

„ Alto lá (o Môcho exclama,
Encrespando o vulto hediondo)
„ Que desaforos ouvi !
„ Se conselho tê pedi,
„ Foi, to juro, não supundo
„ Hum tal basbaque encontrar.

Almas francas, quanto incautas,
Vêde-vos bem n'este espelho :
Muitos em grande afflicção
Conselho vos pedirão,
Que lisonjas, não conselho,
Procurarão escutar.

L'ignorance toujours est prête à s'admirer.

Boileau. A. P.

APOLOGO 49.

O Pardal no viveiro de Canarios.

Hum Pardal, que entre os Pardaes
Por grão Musico passava,
Que em chaminé ferrugenta
Continuamente chiava;

Em louvores enfunado ,
De mor fama cobiçoso
N'hum viveiro de Canarios
Entrou ledo , e presunçoso.

Sacodindo as çujas pennas
Trinou famosa chiada ,
Que os Canarios applaudirão
Com solemne pateada.

Ao som do fúnebre encomio
O altivo Pardal gritou :
„ Que insolencia ! A mim taes vivas !
„ A tal Cantor como eu sou !

„ Seja embora , lhe respondem ,
„ Quanto inculca , e muito mais ,
„ Mas olhe , Senhor Pardal ,
„ Que isso he lá entre os Pardaes.

Qui sait tout souffrir, peut tout oser.

Vauvenargues. Maximes.

APÓLOGO 50.

O Lôbo, o Cão, e a Cabrinha.

Carniceiro Lôbo avaro,
Rangendo os famintos dentes,
Contra hum Cão, unico amparo
De Cabrinhas inocentes,
Se arremessava feroz.

Dentadas sobre dentadas
De parte a parte fervíao,
As Cabrinhas assombradas,
Arrebanhando-se, vião
A nova peleja atroz.

A victoria estava incerta,
Quando, em brios accendida,
Ligeira Cabrinha esperta
Por dar a muitas a vida
De bom grado a sua expoz.

A' raiz de ingreme serra
 Corre , chega , e lá parando ,
 Enormes insultos berra ,
 Contra o Lôbo praguejando ;
 Tanto fez que em marcha o poz.

Dobra insultos , té que , o vendo
 Já mui perto , a serra investe ,
 Precipicios escolhendo ;
 Sem que nenhum a moleste ,
 Vai caminhando veloz.

Segue-a o doido , e corre , e cás
 De rochedo alcantilado .
 Ei-lo em baixo , que se esvae
 Todo em sangue , e desmaiado ,
 E moribundo ergue a voz :

,, Ai de mim ! Não me cumpria
 „ Em tal batalha metter-me ;
 „ Temer astacias devia ,
 „ Quando audaz a combater-me
 „ A Fraquinha se propoz.

Teme , ah ! teme o Pequenino ,
 Se elle vem a desprezar-te :
 Do mais forte , e mais ferino
 Sempre o que teve mais arte
 A seu arbitrio dispoz.

Nous connaissons trois especes de Loirs , qui , comme la Marmotte , dorment pendant l'hiver . Leur etat n'est point celui d'un sommeil naturel , c'est une torpeur , un engourdissement des membres , et des sens , et cet engourdissement est produit par le refroidissement du sang .

Buffon.

APÓLOGO 51.

O Arganaz.

F rigidissimo Arganaz ,
Que a dormir sempre estivera
Em quanto o Inverno durou ,
Na festival Primavera
Aquecendo , despertou .

Ternos canticos ouvio
D'entre a flórida espessura ,
A mimosa Gratidão
Traçava a linda pintura
Da suspirada Estação .

Os renascentes primores
 Da Natureza exaltava
 Com fervorosa armonia :
 Que prazeres desenhava !
 Que venturas descrevia !

D'entre o Côro aereo então
 Sahindo meiga A'vezinha
 Hum sólo principiou ,
 Que enlevada , e caladinha
 A Chusma toda escutou.

„ Louvai , dizia , o Monarca ,
 „ Que na Terra , e Ceos impera ,
 „ O Bonissimo dos Entes ,
 „ Por quem o Mundo prospéra ,
 „ Por quem voâmos contentes.

„ Alfim está subjugado
 „ O furor da Quadra escura !
 „ Que trabalhos , que oppressões ,
 „ Que tristeza , que amargura
 „ Vexou nossos corações !

O somnolento Arganaz ,
 Que males taes não recêa ,
 Sorri-se , e mui alto diz :
 „ De que a Tôla se prantêa !
 „ Dormisse , bem como eu fiz.

**Ao fleugmatico Egoista
Cauto esconde os teus desgostos,
Nem conta dos bens lhe dá :
Ouvir-te-á calado os gostos,
E das penas mofará.**

Aussi ne vois-je rien qui soit plus odieux,
 Que le dehors plâtré d'un zèle specieux,
 Ces gens qui , par une ame á l'interêt soumise,
 Font de devotion metier , et marchandise ,
 Ces gens,dis-je,qu'on voit,d'une ardeur non commune
 Par le chemin du Ciel , courir à leur fortune.

Tartuffe de Moliere.

APÓLOGO 52.

A Coruja, e o Môcho.

A Natureza involvida
 Em denso negrume estava ,
 Triste Coruja voava
 Nos contornos de huma Ermida.

Dentro da qual em deserta
 Hora propria se mettia ,
 E o doce azeite bebia ,
 De mil Devotos offerta.

Tinha o fito em tal ensêjo
 Cuidadosa, impaciente,
 Quando hum Môcho de repente
 Lhe faz profundo cortêjo.

E lhe pede parceria
 N'humas esplendida caçada,
 A qual, se bem que arriscada,
 Mui gloriosa seria.

A Coruja se reveste
 De ar contricto, e respondeo:
 „ Que dizes! Pertendes que eu
 „ Innocentinhos moleste?

„ N'aquella santa Ermidinha
 „ As noites em paz consumo,
 „ Do Mundo aos olhos me sumo,
 „ Fugindo ao que me entretinha.

„ Alli, debulhada em pranto;
 „ Passo em fervente oração...
 „ Guincha o Môcho, „ E a devoção
 „ He co' a lampada, ou c'o Santo?

Separárão-se: ficou
 Sem resposta a tal pilheria,
 E a Coruja impia, e séria
 As torcidinhas chupou.



..... Ils y construisent des travaux
 Qui des torrents grossis arrêtent le ravage,
 Et font communiquer l'un , et l'autre rivage.
 L'édifice résiste et dure en son entier.
 Après un lit de bois est un lit de mortier.
 Chaque Castor agit : commune en est la tache.

Fontaine. L. 10. F. 1.

APÓLOGO 53.

Os Castores, e o Caçador.

P rincipiava hum vão Luxo
 A trajar-se ricamente ,
 Já dos próvidos Castores
 A Republica innocent
 Hia sentindo os furores
 Da Raça de Prometheo.

Entretanto alguns d'entre elles,
 Tamanho mal ignorando,
 N'uma doce paz vivião:
 Manso rio povoando,
 Sobre as aguas construsão
 O pasmoso hospicio seu.

Em lída tal se empregávão,
 Quando avaro Caçador
 Visinhar-se ás margens vírão;
 Sem que lhe houvessem temor,
 No trabalho proseguirão,
 Nenhum o tino perdeo.

„ Que prodigo ! Oh quanto pôde
 „ No trato vosso aprender-se !
 „ Porquê de tal Estructura
 „ Hão de as regras esconder-se ?
 „ Ensinal-mas ; que ventura
 „ Em vos ouvir terei eu !

O Pôvo anfibio a taes vozes
 Deixa o rio, á terra vem
 Instruir o Curioso,
 Que somente a mira tem
 No pêllo fino, e lustroso,
 Fatal dadiva do Ceo.

Morrerão todos. Que muito !
Sendo bons, e sabios sendo.
Aos que supplicão lições
Ir-se-á melhor não os crendo :
Sobre tosquía baldões
Já muito ensino rendeo.

..... Je trouve en effet
Que le plus fou souvent est le plus satisfait.

Boileau. S. 4.

Ex quo intelligitur non in natura , sed in opiniōne esse ægritudinem.

Cicero. T. Q. L. 3.

APÓLOGO 54.

O Jumento, e o Toiro.

Entre pragas , entre chufas ,
E bordoadas sem conto ,
Hum Jumento velho , e tonto ,
A densa mata chegou :

Ao seu diario carrêgo
Hum Camponio o conduzia ;
No retôrno que faria ,
Se assim na vinda o tratou !

Mui calado , e circunspecto
O pobre Jumento estava ,
Altamente meditava ,
Bem como depois mostrou .

A sóva injusta , o silencio
 Do pacifíco Animal ,
 Tal pachorra , e tanto mal
 Hum Toiro altivo notou.

Que lhe diz compadecido :
 „ Irmão , eu quero amparar-te ,
 „ Fazer-te feliz , vingar-te
 „ De quem assim te avexou.

„ Audaz , funesto Inimigo
 „ Vais conhecer quem sou eu.
 N'isto o Burro a orelhà ergueo ,
 E tal resposta zurrou.

„ Senhor meu , que faz ao caso
 „ Esse audaz , esse funesto ?
 „ Dê-me palha , que no resto
 „ A' minha vontade estou.

Tento , pois , com vãas piedades
 Que o mal de huns he de outros bem :
 Errado mil vezes tem
 Quem por si os mais julgou.

Proximè gloriā sentiunt et hi nostri vigiles nocturni , quos excitandis in opera mortalibus , rumpendoque somno natura genuit. Imperitant suo generi , et regnum in quacumque sunt domo , exercent.

Plinius. L. 10. 24.

APÓLOGO 55.

O Gallo , e o Perdigueiro.

A^o luz primeira sahindo
Do tranquillo gallinheiro ,
Gallo esbelto , ardente , e lindo ,
Encontrou hum Perdigueiro ,
Que , aos seus passatemos hindo ,
D'este modo lhe fallou :

„ Que sempre em lídas te veja !
 „ Sempre aqui ! E sempre álera !
 „ Nenhum trabalho te pêja !
 „ Hum leve som te desperta !
 „ Ora pois , hum dia seja
 „ Dado tambem ao prazer.

„ Vem comigo , o campo agora
 „ De florinhas está cheio ,
 „ A'ves cantão , ri-se a Aurora ,
 „ Tudo convida a recreio :
 „ Quem divaga lá por fóra
 „ Colhe grandes instrucções.

N'isto o Gallo „ E quem na ausencia
 „ Aqui por mim deixarei ?
 „ Tanta fraqueza , e innocencia
 „ A mil sustos exporei ?
 „ Não mo sofre a consciencia ,
 „ Gratidão , costume , amor .

„ Que prazer ! Fantasma vâo ,
 „ Se o remorso nos persegue.
 „ Que prazer ! Se o coração
 „ A toda a parte nos segue.
 „ Funesta recreação ,
 „ Que tanto me ha de custar !

**Disse, e marcha pressuroso
Aos nobres deveres seus.
Queira o Ceo sempre piedoso
C'roar os trabalhos teus,
O' Modelo venturoso
Dos Maridos , e dos Pais.**

Les Rats musqués du Canada paissent l'herbe sur terre , et le blanc des joncs autour des lacs , et des rivieres. J'en avois un tres joli , je le nourrissois du blanc des joncs , et d'une certaine herbe semblable au chien-dent : je faisois de ce petit animal tout ce que je voulois , sans qu'il me mordit aucunement , aussi n'y sont ils pas sujets.

Voyage de Sagard Theodat.

APÓLOGO 56.

O Rato almiscareiro.

Manso Rato almiscareiro ,
Sóbrio , discreto , e jucundo ,
Do remoto novo Mundo
Veio á velha Europa ter.

Persuadio-se , e com razão ,
Que bem aceito sería ,
E que talvez poderia
Grandes fortunas obter.

**Hum dote bom , não só raro ,
Porém unico , surprende ;
Em quem não mui caro o vende
Respeitallo he hum dever.**

**Chegou pois ; os Ratos pasmão
Ante o cheiroso Portento :
Mandão-lhe em guapo aposento
Festivo jantar fazer.**

**O convival Estrangeiro
Comeo só dos vegetaes ;
De não servir-se do mais
Se quiz a razão saber.**

**Pithagorico chapado
Declarou ser cousa horrivel
Dar a morte ao que he sensivel ,
E suas carnes comer.**

**A' nova proposição
Os Ratos se amotinárão ,
E a discorrer começárão
Sem nada ao ponto dizer.**

**Que sapientes debates ,
Que motim a erguer-se vem !
Chilrão d'aquem , e d'alem ,
Ninguem os pode entender.**

Ferve a disputa , e por fim
 Huns aos outros arremetem ;
 Quantas mortes se commettem !
 Que sangue se vê correr !

Entre elles o Almiscareiro
 Ergue a voz , põe-se a arguilhos ,
 Mas , em vez de compungillos ,
 Faz mais a luta accender.

Não cessa , despeja os diques
 Do eloquente entusiasmo ;
 Era na prédica hum pasmo ,
 Sabía affectos mover :

Tanto assim , que com dentadas
 O Auditorio lhe responde !
 Foge o Misero , e se esconde
 Sem tugir , sem se mexer.

N' huma tóca solitaria
 Posto em salvo se julgou ,
 Mas o almiscar o entregou ,
 E lá o fôrão morder.

Torna a fugir , e de novo
 A viva fragrancia o trae ;
 Em qualquer parte , a que vai ,
 Tem assaltos que sofrer.

De tal modo o perseguirão ,
Taes mordeduras lhe dérão ,
Que em pedaços o fizérão ,
Sem o aroma lhe valer.

Muito arrisca quem se oppõe
A' geral opinião !
Aos que mais distintos são
Mais cautelas cumpre haver.

Que ne puis je vous peindre l'ennui qui dévore
les grands, et la peine qu'ils ont à remplir leurs journées. Ne voyez-vous pas que je meurs de tristesse
dans une fortune, qu'on auroit eu peine à imaginer! Je suis venue à la plus haute faveur, et je
vous proteste, ma chere fille, que cet etat me
laisse un vide affreux.

Lettres de Madame de Maintenon.

APÓLOGO 57.

O Fraldeiro, e o Rafeiro.

Fraldeiro, hum pouco travesso,
Fugindo a nídeo regaço,
Quiz saltar o seu pedaço,
Quiz beber hum pouco de ar:
Delicias, que raras vezes
Tinha podido gozar.

Não bem dava o sexto pulo,
 Triste Rafeiro avistou,
 A felpa se lhe erriçou,
 Todo á terra se cingio,
 E tremendo, e respeitoso
 Tão duras vozes ouvio.

„ E podeste ó fermentido,
 „ O' ingrato Animalêjo,
 „ Sem remorso, ou medo, ou pêjo,
 „ Fugir de amavel Senhora,
 „ Que te alimpa, que te afaga,
 „ Que te beija, que te adora !

„ Que por ti sacrificára
 „ Os bens todos do Universo !
 „ A taes horas o Perverso
 „ Que afflicções lhe causará !
 „ Iracunda, furiosa
 „ Que desatinos fará !

„ E que vens aqui fazer !
 „ Falla, ou morre. „ Eu vim, Senhor,
 „ Ver o CEO, e a meu sabor
 „ Respirar hum poucachinho;
 „ Aborrecido, estafado
 „ De ocio, resguardo, e carinho.

„ Que estado ! Que bens ! Que ditas !
„ Sempre o mesmo ! E sou ditoso ?
„ Do mais desprezivel Gôzo ,
„ Lhe confesso , invejo a sorte :
„ Que dias de enojo passo !
„ Sempre o mesmo he quasi a morte.

A queixas taes o Rafeiro
Cede , e afasta-se vexado ;
Assentando ter errado
Em se fazer Pregador,
Repetia a cada passo :
„ Sabe Deos o que he melhor.

L'ennemi qui veut nous perdre est encore moins à craindre que l'adulateur qui ne cherche qu'à nous plaire.

Massillon. Sermon du 1. Dimanche.

APÓLOGO 58.

O Penhasco.

E m quanto aos Ventos horrido Penhasco
O seio vencedor afoito expunha,
E ás negras estrondosas tempestades
Desdenhosa firmeza altivo oppunha:

Pelas raizes Ondas lisongeiras
Com vís bajulações , perjuro afago ,
Lhe carcomêrão pouco a pouco as forças ,
Té que fizérão seu total estrago.

Tu , que no cimo da Real Privança
Ferozes Inimigos escarneces ,
Do Bando escravo , que vaidoso acolhes ,
Acaso as fraudes , as traições conheces ?

Nous portons toujours au dedans de nous un juge incorruptible , qui prend sans cesse le parti de la vertu contre nos plus chers penchans , qui mêle à nos passions les plus emportées les idées importunes du devoir.

Massillon Sermon de la Toussaint.

APÓLOGO 59.

O Mosquito , e a Môsca.

Nocturno Mosquito ,
Solfista vagante ,
Guerreiro perito ,
Em Môsca insultante
Acaso encarou :

E diz-lhe „ Importuna
„ Não sejas tão vãa :
„ O crime te enfuna ?
„ Que Mestra villãa
„ Assim te educou ?

„ Ferires dolosa
 „ Com torpe attentado
 „ A têz melindrosa !
 „ E o feio peccado
 „ Impune ficou !

„ Não vês com que brio
 „ Eu firo , eu batalho ?
 „ Audaz desafio ,
 „ Intrepid o ralho ,
 „ E á guerra então vou :

„ Com som estridente
 „ Meus golpes fulminão ;
 „ Bisarro , e valente
 „ A que se prevínão
 „ Que tempo não dou !

De ouvir o Farfante
 A Môsca indignada ,
 Não menos chibante ,
 Se bem que azoinada ,
 A voz levantou.

„ Impões de ser franco ?
 „ Feroz probidade !
 „ Que não te desbanco
 „ Na immensa vaidade
 „ Certissima estou.

„ De ousado , e brioso
„ Te podes gabar ;
„ Mas que hes venenoso
„ Não mo has-de negar :
„ Adeos. E abalou.

Hum Improbo ostenta
Ao dolo aversão ! ..
A ser tão nojenta
A infame traição
O Ceo condenou.

Que la douce tranquillité
 Soit à jamais votre partage !
 Sans rien craindre , et rien desirer
 Voyez tous vos jours expirer.

Chaulieu.

APÓLOGO 60.

O Coelhinho.

Vasto Silencio reinava ,
 Quando muito , em meio giro
 A Noite soturna estava :
 A' porta do seu retiro
 Hum Coelhinho velava.

Segunda vez lhe era dado
 Sahir de manhã sozinho ,
 E não dormia enlevado
 Em fazer o seu caminho ,
 Livre , alegre , e não olhado .

Recordava cobiçoso
 Os bens , que estreado havia ,
 O cheiro delicioso ,
 Das A'ves a melodia ,
 O mantimento abundoso .

O estáfão taes pensamentos ,
 Igneo desejo o devora ,
 Suspira , conta momentos ,
 Té què em fim a nívea Aurora
 Lhe troca em gosto os tormentos .

Ri-se , pula , corre , brinca ,
 Gira , come ; porém , quando
 Mais de espaço a relva trinca ,
 Salta hum Cão , que , esbravejando ,
 No collo os dentes lhe finca .

Vão Futuro ! A vista anciada
 De continuo a ti levâmos ,
 E mofar de nós te agrada !
 Nos bens com que mais contâmos
 Que ha de certo ? Ou pouco , ou nada .

Le Requin est le plus vorace, et le plus goulu
de tous les poissons.

Felice. Encyclopédie.

APÓLOGO 61.

O Tubarão, e os Peixinhos de agua doce.

E spantoso Tubarão ;
Por variar de guizados,
Com faminta inquietação
Deixou os mares salgados ,
E n'hum doce rio entrou.

Onde em paz mansos Peixinhos
Gostosamente habitávão ,
Avós, e Pais , e Filhinhos
Os puros bens desfrutavão ,
Que a Idade de oiro gozou.

Vendo ante si hum tão féro,
 Tão enorme Animaláço;
 N'hum tom em nada severo;
 Antes cheio de embaraço
 Hum d'elles assim fallou:

„ Que mal , Senhor , lhe fizemos ?
 „ Fazer-lho fôra impossivel ;
 „ Nós jámais hum salto démos
 „ N'esse pélago terrivel ,
 „ Que tamanho o Ceo formou.

„ Isto he nosso , aqui nascêrão
 „ Os nossos Antepassados ;
 „ Mui pouco os Numes lhes dérão ;
 „ Mas que importa ? Socegados ,
 „ Sempre o pouco lhes bastou.

A razões tão vehementes
 Que dirá o vil Pirata ?
 Furioso range os dentes ,
 Atassalha , fere , mata ,
 E mil Peixinhos tragou.

Amor da Patria ! Oh perdido
 Virtuoso sentimento ,
 Não medrando á força unido !
 Conquistador fraudulento
 Nos proclama . „ A Patria eu sou.

Il y a des reproches qui louent, et des louanges qui médisent.

Rochefoucault. Maximes.

APÓLOGO 62.

A Perdiz, a Lebre, e a Rapôsa.

Huma Perdiz, e huma Lebre
Gravemente discorrião,
Tristes ausencias fazião
A diversos Animaes.

„ Nenhum , clamava a Perdiz ,
„ He tão voraz carniceiro
„ Qual he o Cão Perdigueiro ;
„ Quem assim houve jámais ?

„ E não reparas, Amiga ,
„ De que torpezas he cheio ?
„ Já viste Animal tão feio ?
„ Já viste orelhas iguaes ?

„ Ora vamos , diz a Lebre ,
 „ Ha quem seja iada peor :
 „ Em fealdade , e furor
 „ Não excede o Galgo aos mais ?

„ Quem nas malicias o iguala ?
 „ Quem nas emprezas daninhas ?
 „ E que garbo ! Que perninhas !
 „ Como o resto , taes , e quaes .

Assim as duas votávão
 Sem resabio de paixão .
 Que prodigios de razão !
 Que votos imparciaes !

Traz d'ellaś huma Rapôsa
 A' batalha se dispõe ,
 Salta , empolga , e termo põe
 A discursos immortaes .

Pobres Víctimas palreiras
 Que direis em tal momento ?
 Mais asqueroso , e cruento
 Que a Rapôsa águem achais ?

Qne sentença a de Inimigos !
 Segundo a voz da Aversão ,
 Os proprios Pombinhos são
 Huns verdugos infernaes .

At validis socios cædebant dentibus Apri
 Tela infracta suo tingentes sanguine sævi,
 Per mistasque dabant equitum peditumque ruinas.

Lucretius. De rerum natura. L. 5.

Le Daim est moins sauvage , plus delicat , et
 pour ainsi dire , plus domestique que le Cerf.

Felice. Encyclopédie.

APÓLOGO 63.

O Javalí , o Gamo , e os Caçadores.

Sem ordem , sem valentia ,
 Pouco destros Caçadores
 Só eximios em clamores
 Andávão em monteria.

Tanto , e tanto se estafárão
 Que d'entre mato espaçoso
 Audaz Javalí raivoso ,
 E tíbio Gamo espancárão.

Era a desordem tamanha
 Que talvez máo fim tivesse ,
 Se acaso nos dois houvesse ,
 N'hum prudencia , n'outro manha.

Mas de panico terror
 O Gamo ficou varado ,
 Indefenso , perturbado
 Não pôde de si dispôr.

O Javalí furioso
 Onde mais p'riga se lança ,
 Onde há mais dardos avança ,
 Luta , e morre estrepitoso.

Em tudo sê commedido ,
 Na mansidão , na braveza :
 Tanto nos perde a fraqueza ,
 Como o valor desmedido.

Convien che ovunque sia , sempre cortese
 Sia un cor gentil , che'esser non può altramente ;
 Chè per natura , e per abito prese
 Quel , che di mutar poi non è possente.
 Convien che ovunque sia , sempre palese
 Un cor villan si mostri similmente.
 Natura inchina al male , e vieni a farsi
 L'abito poi difficile a mutarsi.

Ariosto. O. F. C. 36.

APÓLOGO 64.

O Leão, e o Tigre,

H um impavido Leão ,
 Por Tigre infame trahido ,
 Aos seus pés yendo-o rendido ,
 Deo temerario perdão
 Ao fementido Aggressor.

E de antiga inimizade
 Emprehendeo por tal modo
 Lavar as nodoas de todo ,
 Que com louca intimidade
 Tratava o torpe Offensor.

Não domou o trato affavel
 Do Maligno o duro peito ,
 A crueidades affeito ,
 Por natureza intratavel
 Suppõe laço o que he favor :

N'hum delirio impaciente ,
 N'hum mēdo ingrato se agita ,
 Tão negro furor o excita ,
 Que ao nobre Amigo indulgente
 Assassina o vil Traidor.

Perdôa , e não vás errado
 No Traidor buscar o Amigo :
 He tamanho , he tal o p'rigo ,
 Que mil vezes o Malvado
 Refina então no rancor.

L'Elephant ne s'accouple dans l'état de domesticité.

Felice. Encyclopédie.

APÓLOGO 65.

O Elefante no cativeiro.

Acatio Elefante estrême em brios
Mandou-se dar a muito amada Esposa ,
Tremendo ao vêlla , e soluçando afflito
Lhe dirige d'est'arte a voz grandiosa :

„ Foge Esposa illudida ; Escravos novos ,
„ Mais vasto Imperio os Barbaros desejão :
„ Acabe em nós escravidão tão dura ,
„ Nossas desditas propagar não vêjão.

Que tremenda lição ! Ai ! dada a tantos ,
Que o frenetico Amor subjuga , e cega .
Flôr passageira , e tão fatal ás vezes ,
Que a pranto , e opprobrio Gerações entrega !

Ac si quis comparet onera corporibus earum,
fateatur nullis portione vires esse majores. In ope-
re qui labor! Quæ sedulitas.

Plinius. L. 11. 36.

Ergo sollicitæ tu causa pecunia vitæ es,
Per te immaturum mortis adimus iter.

Propertius. L. 3. E. 7.

APÓLOGO 66,

A Formiga.

Sagaz Formiguinha
Arestas levava
A propria covinha,
Prudente lidava
Sem grande oppressão.

Eis que hum louco intento
O peito lhe ancêa,
O seu pensamento
Se agita, esbrazêa,
Fallece a razão.

Lembrou-lhe augmentar
 As suas fadigas,
 Riquezas lucrar,
 Obter das Formigas
 Fatal distincção.

Ao quê lhe lembrou
 Com que ardor se deo !
 A carga dobrou,
 Ferio-se, correo :
 Oh vãa presunção !

Magrinha, esfalfada,
 Gemendo, cahio ;
 E quasi finada
 Taes sons proferio
 Na extrema afflicção.

„ Não fôra melhor
 „ Ser pobre, e vivêr ?
 „ Desejo traidor !
 „ Insano prazer !
 „ Funesta ambição !

Le mechant le plus decidé est beaucoup moins dangereux que le perfide qui nous trompe sous le masque de la vertu ; on peut se mettre en garde contre le premier, au lieu qu'il est presque impossible de se garantir des coups imprévus de celui que nous seduit par des dehors imposteurs.

Morale Universelle. S. 3. C. 7.

APÓLOGO 67.

O Gallo, e a Rapôsa.

Aos Máos não dês attenção ;
A'lerta, que sempre tem
Mel na voz, fel na tenção :
Quem com elles se detem
Em que p'rigo não está !

N' huma noite de janeiro
Bateo Rapôsa esfaimada
A' porta de hum gallinheiro ;
O Chefe da turma alada
Respondeo „ Quem bate lá ?

„ Huma triste Peccadora ,
 „ Que fallar-lhe necessita :
 Lhe torna a Fera traidora.
 N'isto o Gallo se arrebita ,
 E lhe diz „ Servida está .

Então a velha Matreira ,
 Seus regougos adoçando ,
 Começou d'esta maneira :
 „ Meus peccados contemplando
 „ Quem de mim não fugirá ?

„ Entretanto arrependida ,
 „ O remorso me lacera ;
 „ Se em crimes gastei a vida ,
 „ Esse resto , que me espera ,
 „ Não , assim , não findará .

„ Qual foi o delito , seja
 „ Tambem o castigo meu ,
 „ A's vossas ordens esteja ;
 „ Quem outrora me temeo ,
 „ Agora leis me dará .

„ A's garras do Lobo irado ,
 „ E da Rapôsa ás malicias
 „ Obstará o meu cuidado ;
 „ Meu só bem , minhas delicias
 „ O defender-vos será .

Lamuria tão venenosa
 Os corações enternece,
 Quasi triunfa a Gulosa
 De hum Tolinho, que a conhece,
 E tal resposta lhe dá :

„ Quero por tanto saber
 „ Quaes os seus lucros serão ,
 „ Que ha de a Senhora comer ?
 Ao ver tamanha illusão
 A Rapôsa que dirá ?

Apurando os arteficios
 Diz mui meiga , e soluçou :
 „ Quem tão crueis maleficios
 „ Contra Innocentes tramou
 „ De graça vos servirá.

„ O comer de nada importa ,
 „ O que importa he penitencia ,
 „ Abra pois depressa a porta ,
 „ N' huma total abstinencia
 „ Meu prazer se fundará.

Oh fatal Hipocrisia !
 Te enredaste , te perdeste !
 Quem benevolo te ouvia
 Replicou em tom agreste :
 „ Ah , vai-te embusteira , e já .

„ Morrer de fome, e servir !
„ Minha Santa não me illude.
„ Vá outros laços urdir,
„ Que imitar bem a Virtude
„ Nunca o Vicio poderá.



Il n'y a rien de si bizarre ni de si extravagant
que l'imagination ne persuade lorsqu'elle est soutenue par quelque raison apparente.

Mallebranche. Recherche de la Vérite. L. 2.

APÓLOGO 68.

Os Filhos da Aguaia.

Da Real Aguaia huns Filhinhos,
Que os primeiros vôos dávão,
E curiosos andávão
Tudo a ouvir, e tudo a ver;

Galantes Pintos observão,
Que, sendo apenas nascidos,
Já de plumagem vestidos
Não cessávão de correr.

Scena tal de espanto os enche,
E alheios de si ficando,
A huma voz todos fallando,
Se lhes ouvia dizer:

„ Vêde , ó Māi , estes Prodigios ;
 „ Que farão crescendo hum tanto !
 „ Certamente em vôo , e canto
 „ Hão de a todos exceder.

„ Pranteai o seu destino ,
 Rindo-se , ella respondeo :
 „ Fará tedio o canto seu ,
 „ Hão de hum fraco adêjo ter.

„ Reparai no Sol ; quão fraco ,
 „ Quão dubio a raiar começa !
 „ A's vezes quem mais se apressa
 „ He que vem mais tarde a ser.

..... Ego laudo ruris amæni
Rivos , et musco circumlita saxa , nemusque.
Fuge magna.

Horatius. E. 10. L. 1.

APÓLOGO 69.

A Roseira.

G entil , caprichosa
Roseira silvestre
N'hum Ermo vivia :
De triste , de alpestre ,
De feio arguia
O Chão natural.

Os Zefiros meigos .
Alli a entretinhão ;
Alli , descantando ,
Os Passaros vinhão ;
Mas , tudo enjoando ,
Leva tudo a mal.

Em nobres jardins
 Deseja viver ,
 O humano cortêjo ,
 Lisonjas obter ;
 Cumprío-lhe o desejo
 Acaso fatal.

Que lá hindó á caça
 Ricáço flammante ,
 Achou-a tão bella ,
 Tão fresca , e fragrante ,
 Que pasmou de vêlla
 Em deserto tal.

Ei-la transplantada
 A rico Vergel ,
 Ligada , composta
 Por teso cordel ;
 Hum pouco a desgosta
 Vér-se a mil igual .

Recebe louvores ,
 E ultrajes tambem ,
 Que rustica mão
 A trata , e mantem ;
 Seus geitos lhe dão
 Hum medo mortal .

Travesso Menino
Lá vai, desfolhando-a;
Inveja indignada
A vê, praguejando-a;
De pouco, ou de nada
Ser linda lhe val.

Debalde então chora
Os bens de hum sereno
Alvergue sozinho:
Maldiz o veneno
De hum Mundo mesquinho,
Traidor, desigual.

Le malheur des hommes vient toujours de ce qu'ils placent mal leur précaution , et leur confiance.

N. M. D'Epictete.

APÓLOGO 70.

—
O Pombo.

Aos ferros , que em paz sofria ,
A ser meigo , e virtuoso
Docil Pombo attribuia
O tratamento mimoso ,
Que o Dono seu lhe fazia.

Comprazia-se de vêllo ,
Suavemente arrulando
Hia sempre recebêllo ,
Com mil festinhas pagando
O agasalhallo , o mantêllo .

Dizia ás vezes comsigo ,
 Contemplando as ditas suas :
 „ Ah ! vive piedoso Amigo :
 „ Taes são as bondades tuas ,
 „ Que o eativeiro bemdigo !

Hum dia , em que d'esta sorte
 Comsigo o Triste fallava ,
 Voando em doce transporte
 A'quelle , que tanto amava ,
 Nas mãos d'elle encontra a morte .

Que tenha o que justo for ,
 E amaveis dotes juntar ,
 De prever , e com que horror ,
 N'aquelle , que o festejar ,
 Mais interêsse que amor !

Il semble que la Nature nous a donné l'orgueil
pour nous épargner la douleur de connoître nos
imperfections.

Rochefoucault. Maximes.

APÓLOGO 71.

O Grou, e o Perdigôto.

D o cume de alto penhasco
Moço Grou, fraquinho, e feio,
Desceo a dar hum passeio
A pingue ferregial.

Onde andava hum Perdigôto,
Forte, esperto, e brincalhão,
Que bem disse a occasião
De haver Companheiro tal.

Mui cortez o cumprimenta,
De merendar lhe offerece,
Lisonja-o, nada lhe esquece
Do que se usa em caso igual.

A tamanhos agasalhos
 O altivo Grou respondeo :
 „ Seus cumprimentos perdeo ,
 „ Bem que não lhos tenha a mal.

„ Eu não ando , eu não me intendo.
 „ Com quem nasceo cá no chão :
 „ Vossê não faz distinção
 „ Entre Animal , e Animal ?

„ Pois não ! (Brada o Perdigoto)
 „ Com todo o respeito a faço ;
 „ Ao pé de tal Senhoraço
 „ Hum Pobrète de que val !

„ Que pernas de legua e meia !
 „ Que pescoço desmedido !
 „ Que bico ! Em todo o sentido
 „ Oh que monstrinho infernal !

„ Caminhe ; va-se d'aquí ,
 „ Lá aos seus penhascos vôe ,
 „ Que talvez tambem lhe enjôe
 „ Ser-me em forças desigual.

Cabisbaixo o Grou escapa
 A' designada peleja :
 De prol o encontro lhe seja ;
 O passeio foi moral.

Il y a des injures qu'il faut dissimuler pour ne pas compromettre son honneur.

Vauvenargues. Maximes.

APOLOGO 72.

O Toiro.

B ravo Toiro destemido,
Na Patria sua famoso,
Por façanhas applaudido,
Sempre da sorte mimoso,
Sendo á traição conduzido,
Foi longe dos seus pugnar.

Em circo espaçoso entrando,
Mugido horrendo soltou,
Ferros, fogos arrostando,
Audazmente batalhou,
Té que, por fim desmaiando,
Não pôde hum só passo dar.

Oh costume abominavel !
 Feroz medonho recrêio !
 Frôxo, exangue, inconsolavel,
 De atrozes imagens chêio
 Torna o Toiro ao sitio amavel,
 Que sempre o vio triunfar.

Manquejando, lá chegou,
 E n'hum queixoso lamento
 Aos Socios seus desenhou
 O brinco sanguinolento,
 Que as forças lhê attenuou,
 E que o fez manco ficar.

Não sei que infernal prazer
 Nos faz rir vendo hum defeito !
 Julguei outrora isto ser
 Só proprio do humano peito ,
 Mas quem ateima a viver
 Que coisas tem de observar !

Do pobre Toiro a manqueira
 Excitou hum riso estulto ,
 Sendo tal sua lazeira
 Que roêo comsigo o insulto ,
 Quando á turma galhofeira
 Devêra assim increpar :

„ Festas vaãs, e vaõs louvores
„ Quanto distão da amizade !
„ Nega-se aos prantos maiores
„ O que se presta á vaidade !
„ Occultar opprobrio, e dores
„ He já não pouco lucrar.

Je ne sai s'il y a rien au monde qui coûte davantage à approuver et à louer , que ce qui est plus digne d'approbation , et de louange.

Bruyere. Les Caracteres.

APOLOGO 73.

A Filomena, e o Mocho.

Nhum bosque, que a Lua plena
Docemente prateava,
Sonorosa Filomena
As venturas descantava
Do virtuoso Himeneo.

Quão bem a voz sublimada
Ao nobre assumpto se unia !
Nos meigos sons inflammada
O espaço nocturno enchia
Do mimoso encanto seu.

Té grave Mocho , que ouvio
 A melodia notavel ,
 Levantou de applauso hum pio :
 A voz achou admiravel ,
 Mas a letra lhe doeo:

E demandando a Cantora ,
 Sua magoa lhe declara ,
 Dizendo „ Voz tão canora
 „ Quanta belleza ganhára
 „ No sisudo emprego meu !

„ Que prenda ! Mas que esperdicio !
 „ Taes ninharias cantar !
 „ Segue , ah ! segue o meu officio .
 „ Oh quanto he doce aterrarr
 „ Fingindo annuncios do Ceo !

Com que respeito escutada ! ...
 „ Não mais : (o interrompe então
 A Filomena enfadada)
 „ Respeito em vez de affeiçao !
 „ Tão orgulhosa sou eu ?

„ Vai-te em paz , agoira embora ,
 „ Não venhas turbar-me aqui ,
 „ Teu louvor não me enamora ,
 „ Tanto assim que mal te ouvi
 „ Minha alma se entristecêo .

Com Espiritos sombríos
Mal se avem hum Genio raro.
Não forçados elogíos,
Sem desdem, ou sem reparo,
Quem jamais lhes merecêo ?



..... Scelerum si bene pœnitet

Eradenda cupidinis

Pravi sunt elementa :

Horatius. O. 24. L. 3.

APÓLOGO 74.

O Abutre, e o Pombo.

Velho Abutre desazado
Entorpecido vivia,
E os duros golpes sofria
De universal irrigião.

Em negra furna habitava,
Só de vermes se mantinha,
Mais quizera, e mais não tinha
O formidavel Glutão.

Hum Pombo, que muitas vezes
A's garras suas fugíra,
Vendo-o assim, de o ver se admira,
Quasi que tem compaixão.

Bem lho nota o Solitario,
 E lhe apraz o tal Sujeito,
 De o gadanhar busca geito,
 Suppõe teria função.

E fallando, como quem
 Mesmo fallar não podia,
 Muito de espaço lhe envia
 Tão pathetica oração:

„ Quanto, ai quanto, hes generoso
 „ Alvo Pombinho innocent!
 „ Sim, eu morro, está pendente
 „ A minha condenaçāo.

„ Debalde, bem no conheço,
 „ Tenho os meus erros chorado;
 „ Debalde me hei flagellado
 „ N'esta feia solidāo.

„ Antes porém que sucumba
 „ Ao lethal justo castigo,
 „ Vem abraçar-te comigo,
 „ Vem dar-me o final perdāo.

A parola tão suave
 Quem resistíra de todo?
 Quem provára tal engodo
 Co' huma total isençāo?

Hia pois o bom Pombinho
 Cumprir o pio dever ,
 Quando se poz a fazer
 Sobre o caso reflexão :

E diz „ Quem não folgará
 „ De se ver de ti mui perto ?
 „ As tuas garras de certo
 „ Decepadas estarão.

„ Mostra-as de lá. N'isto o Velho
 Removendo-se com custo ,
 Envolto em vergonha , e susto ,
 Foge á sabia indagação.

Quem no que pôde não obsta
 Aos p'rigos da recahida ,
 Que sua emenda he fingida
 Vêllo-ás na occasião.



Tout homme qui a quelque avantage sur les autres , ou qui croit l'avoir , il est impossible , s'il n'est bien instruit , qu'il n'en soit enflé d'orgueil , et qu'il n'en abuse.

N. M. D'Epictéte.

APÓLOGO 75.

Os Patos ; e o Marréco.

Em área espaçosa e bella
Grosseiros Patos vivião ,
Sem parcimonia comião ,
E sem tedio se exurdávão :
Soberbêtes , desairosos ,
Passeando , estrondeávão .

Entrando alli hum Marréco ,
Grande váia se levanta ,
O Pobrezinho se espanta
De ver-se assim motejado :
,, Qual será d'isto a razão ?
,, Qual será o meu peccado ?

Dizia comsigo , e logo
 Tal saudação o varêja :
 „ Olhem como se despêja :
 „ O nosso guapo Anãozinho !
 „ Véjão lá como o Tratante
 „ Affecta ser hum Patinho !

„ Escória da Natureza !
 „ Bambaleia ! Que feitiço !
 „ Se não fosse mettediço
 „ Fizéra muito melhor :
 „ Entre Patos hum Marréco !
 „ Quem no havia de suppor ?

Não bem acabava , se ouve
 Humana voz resoar ,
 Que manda prestes matar
 O Marréco desditoso :
 „ Fáçao d'elle huma empanada ,
 „ Fique bem appetitoso .

A taes sons se vê no pateo
 Com faca na mão o Algoz ,
 E não pensem que elle poz
 Em dó a turma danada ;
 Gargalhadas retinírão ,
 Se redobrou a appupada .

Cumpre saber que entre os Patos
 Novos inda alguns havia,
 E a crescer, o que os fazia
 Em tudo ao Marréco iguaes;
 Na grandeza, nos meneios,
 Na cõr, feitio, e no mais.

Entre elles o Padecente,
 Fugindo á morte, se acolhe,
 O Verdugo apalpa, escolhe,
 E por fim se equivocou:
 A's guelas de hum Patinho
 O mortal golpe lançou.

Em vão os Patos gritárão
 Distincções exagerando,
 Que o Carnifice execrando
 Lingua tal não entendia:
 Mas quem muito bem a entende,
 Lá estando, lhes diria.

„ Amigos Patos, silencio;
 „ Bem vos mostra este revez
 „ Ser ninharia talvez
 „ O que julgais coisa rara:
 „ Nas distincções do Pequeno
 „ O que he Grande não repara.

Herinacei volutati supra jacentia poma adfixa spinis , unum amplius tenentes ore , portant in cavas arbores.

Plinius. L. 8. 56.

La Taupe sans être aveugle , a les yeux si petits , si couverts, qu'elle ne peut faire grand usage du sens de la vue : elle a l'ouie tres fine , et le toucher délicat. Elle ne demeure ni dans la fange , ni dans les terrains durs : il lui faut une terre douce , fournie de racines succulentes , et surtout bien peuplée d'insectes , et de vers , dont elle fait sa principale nourriture. Les Taupes ne sortent que rarement de leur domicile souterraine.

Buffon.

APÓLOGO 76.

A Toupeira , e o Ouricô-cachciro.

Negra, míope Toupeira , *
C'o focinho em terra posto ,
Esp'rava cheia de gosto
Hum farto jantar fazer.

* Ainda que se lhe supponha , segundo a opi-

Sabía que não distante
 Ouriço-cacheiro andava ,
 E sollícito buscava
 Que mastigar , que trazer.

Orçava vêllo passar ,
 Pois d'alli morava perto ,
 E tinha por grande acerto
 A' custa alheia viver.

Com efeito ei-lo que chega
 Com frutinhas no espinhaço ,
 Paz no rosto , airoso o passo ,
 Como quem cumpre hum dever.

Aproxima-se , e a Toupeira
 Inda quê não bem o enxergue ,
 Cheirando-lhe a fruta , se ergue
 Esbrazeada em prazer.

Como pôde , hum pulo deo ,
 A' provisão se lançou ,
 Porém o corpo espetou ,
 E começou a gemer.

nião de Buffon , o mais decidido apêgo á sua habitação subterranea , e ordinaria manutença de insectos , e de raizes , julgo não offendere o *Verosimil da Fabula* na Descripção immediata.

O bom Visinho se volta ,
Lhe finca mais os espinhos ,
E depois de taes carinhos
A deixa quasi a morrer .

Quem cego á luz da razão
Seus desejos quer fartar
Que espinhos ha de encontrar !
Que remorsos ha de ter !

**Ex his, quas novimus, Aqnilæ maximus honos,
maxima et vis.**

Plinius. L. 10. 3.

**Cui Rex Deorum regnum in aves vagas
Permisit.**

Horatius. O. 4. L. 4.

APÓLOGO 77.

A escôlha da Aguia.

Por dar algum descânço
A's lidas mil do Imperio,
A altícola Rainha
Do vasto Campo ethereo
Julgou que lhe convinha
Cortar por seu poder.

De quem lhe supra as vezes
Fazer escôlha intíma:
Eis nítido Pavão,
Que vãa filaucia aníma,
Arfando em presunção
Se vem offerecer.

Grasnando , a Gralha o segue ,
 E vis baldões aguenta :
 O Mocho reservado ,
 Piando , se apresenta :
 Abutre esfomeado ,
 Raivando , alli vem ter .

Mil Aves se atropellão
 No mais insano ardor ;
 De varia voz , e trato ,
 De varia forma , e côr .
 Oh quanto sempre he grato
 Hum grande cargo obter !

Ao longe o Rouxinol
 Modesto a voz levanta ,
 E da Aguaia as portentosas
 Acções descreve , e canta ,
 E as lídas virtuosas
 Que cumpre aos Reis haver .

Attentamente o escuta
 A próvida Imperante ,
 O cantico a estremece ,
 E ledá , e palpitante
 Exclama „ Ah ! quem merece
 „ A ti preposto ser ?

„ O' tu , que hum trajo ignobil
 „ Houveste da Natura ,
 „ Nas cores desprezado ,
 „ Mesquinho na figura ,
 „ Porém tão elevado
 „ No espirito , e saber ,

„ Quanto nos raros dotes
 „ Da condição amavel ,
 „ Mor gloria de Himeneo ,
 „ Constante , puro , affavel ,
 „ Ah ! vem do Throno meu
 „ O resplendor fazer .

E possa tal escolha
 O Merito excitar ,
 Da fervida Ambição
 As tramas castigar ,
 E hum nobre coração
 De júbilos encher .

Postremo in sclera simul ac dedecora prorupit,
postquam remoto pudore et metu , suo tantum in-
genio utebatur.

Tacitus. L. 6. 25.

APÓLOGO 78.

O Urso.

De huma feroz anarquia
Os Ursos alfim cançados ,
Assentárão lhes cumpria
Ser por hum só governados.

Maduro exame fizérão ,
A miudo conferírão ,
A mil trabalhos se dérão ,
Té que a eleição concluírão.

Elegeo-se hum Sabichão ,
Que andára outrora em Cidades ,
Ligado a ferreo grilhão ,
Ostentando habilidades.

Trabalhos de toda a conta
 Prudente havia sofrido,
 Muito pão, e muita afronta,
 Mas tambem tinha aprendido.

Egregio em doces maneiras,
 Andando com ar de gente,
 Applaudia frioleiras,
 Nunca estava descontente..

Começou a governança,
 Os bons, e os máos acolhendo,
 Fazendo surda matança,
 Os bens alheios comendo.

Gostou do tal bocadinho,
 As mãozinhas deitou fóra,
 Eis sem rebuço o daninho
 Insulta, rouba, devora.

Não me espanto, hei visto assaz
 O que he ser novo Senhor,
 Quem a vilêzas se afaz,
 Ou tarde, ou nunca he melhor.

Diz-se virtude o que ás vezes
 He só baixa condição:
 Que valem modos cortezes
 Se he ferino o coração?

Ex alto magna ruina vénit.

Martialis. L. 1. E. 1.

APÓLOGO 79.

A Andorinha, e o Canario.

Queixando-se huma Andorinha
De que injusta a Natureza
Não a quizesse em belleza ,
Nem mesmo em voz distinguir :

Lhe ouvio os loucos queixumes
Delio Canario formoso ,
Que lhe diz n'hum tom mavioso . :
,, E choras em vez de rir !

,, Por ser lindo , e bom cantor ,
,, Me cercão duras cadêas :
,, E tu , livre , te prantéas ,
,, E ousas o Ceo arguir !

,, Esses dons , que tanto invejas ,
,, Vem atrozmente a doer :
,, Mal pode honrar-se de os ter
,, Quem vexado os possuir.

,, Mil vezes feliz aquelle ,
,, Que de grandezas não sabe !
,, Do pouquinho , que lhe cabe ,
,, Póde a seu sabor fruir.

..... O quanti
 Incantator tra noi che non si sanno !
 Che con simulazion , menzogne , e frodi
 Legano i cor d'indissolubil nodi !

Ariosto. O. F. C. 8.

APÓLOGO 80.

O Môno impostor.

Affavel Môno fingido ,
 Destampado comilão ,
 Affectava ser válido
 De justiceiro Leão ,
 E alcançou por tal ser tido .

Inculcava-se fautor
 De mil ditas casuaes ,
 Sabia frases compor ,
 Peteava os Animaes
 Com enfatico primor .

N

Grosso partido tirava
 De hum *Verêmos*, de hum *Vai bem* ;
 Quantos dons lhe agenciava .
 Ora hum riso , ora hum desdem !
 Mangando em tudo , engordava.

Adiantados chupou
 Doze favos de huma Abelha ,
 Por quem fallar protestou :
 Dar-lhe amparo em rixa velha
 Contra hum Urso * lhe jurou.

Entretanto c' o Birbante
 Partilhava a golosína.
 Eis que alta noite *em fragante*
 Os pilha a Mestra ladína
 Junto a colmeia abundante.

Vem o dia , ao bom Leão
 Se prantêa da cilada :
 Lá se deslinda a traição ,
 E fica desmascarada
 A impostora protéccão.

Ruge o Leão , , Affectar
 „ Particulares comigo !
 „ E á minha sombra roubar !
 „ Huma mordáça no Amigo :
 „ Ha de a basofia amargar.

* Animal summamente apaixonado de mel.

„ Pois se gaba lhe pondero
 „ Quanto aos mais não communico,
 „ Que me oiça melhor espero:
 „ Depressa, ao soberbo Nico
 „ Ver fóra as orelhas quero.

„ Algemem-no já, pois tem
 „ No gadanho mil senões:
 „ Dizer que buscar-me vem
 „ A deshoras!.. Em grilhões:
 „ Talvez não ande tão bem.

Eis o caso. A quem se applique
 Sobejamente haverá,
 Nas trétas, não no despique.
 Quem tal Corja impedirá
 Que com fumaças trafique!



La plupart des dangers , et des occasions dont nous nous plaignons , sont plus dans nos passions que dans nos places.

Massillon. Sermon 1. de la Purification.

APÓLOGO 31.

O Galgo, o Rafeiro, e a Víbora.

Bravo Rafeiro bulhento
De huma Víbora fugia,
A peçonha lhe temia,
Não as forças, nem o alento.

'Atrevido , e louco hum tanto ,
Novel Galgo farfalhão
Ladrou „ Que tal valentão !
„ Quem lhe daría quebranto ?

„ Arripiar-se ! Tremer !
„ Fugir com tanto pavor !
„ E he fallado o seu valor !
„ Bella coisa he fama ter.

„ Eu a puno. E corre ousado
Contra a perfida Reptil,
Que o fero dente subtil
Affinca no Malfadado.

Pronto o veneno serpêa ,
As carnes dilacerando ,
Cahe o Galgo , e , desmaiando ,
Taes palavras balbucêa :

„ Mal d'aquelle , que mofar
„ Dos corações valorosos !
„ No que os vires cautelosos
„ Não te vás aventurar.

De tons les Animaux sauvages le plus doux , et
le plus facile à apprivoiser est l'Elephant.

Aristote. H. des Animaux. L. 9.

Celui là seul est heureux qui sait s'accommo-
der a tous les accidens qui lui arrivent.

Bellérophon d'Euripide.

APÓLOGO 82.

O Elefante , e o Ginete.

Nobre Elefante , que de golpes cheio
Havia pelejado , ardendo em brio ,
Mal que a perder a liberdade veio ,
As iras todas subito despio.

A's severas lições , ao mando injusto ,
A caprichosas leis submette a fronte ,
Pronto , suave , sem rancor , sem custo ,
Sem que ver o Oppressor jámais o afronte .

Tal mudança notou audaz Ginête
Que , vendo-o em ferros , na peleja o víra ;
Ri da contradição , a bulha o mette ,
Até que d'elle taes palavras tira.

„ Feroz me viste , e que demencia fôra
„ Vencer podendo não o haver tentado !
„ Me vês tão docil , tão quieto agora !
„ Cedo ao mais Forte , e me resigno ao Fado .

**Le Chameau est le plus sobre des animaux. Il
a autant de cœur que de docilité.**

Buffon.

APÓLOGO 83.

O Camêlo, o Macaco, e o Leão.

Espía, bôbo, e correio
De magnifico Leão,
Macaco de astacias cheio,
Bufando de presunção,
A serio Camêlo veio
Impingir annuncios taes:

„ Exulta, ó Triste, que o Ceo
„ Para ti começa a rir-se,
„ Da vida tua o labéo
„ Desde hoje vai a extinguir-se,
„ Pois busca o prestimo teu
„ O grão Rei dos Animaes.

„ Quer o Leão que teu Amo ,
 „ Inimigo seu , lhe entregues ;
 „ Mil vezes feliz te chamo ,
 „ Corre , sua , não socegues :
 „ Da parte d'elle te acclamo
 „ O Chefe dos teus Iguaes .

„ Não só de honras , mas tambem
 „ De regalos quer encher-te ,
 „ Dar-te do muito que tem ,
 „ A' sua meza quer ver-te .
 „ Obedece , e depois vem
 „ Cingir loiros immortaes .

Disse o Mono , eis a resposta :
 „ Irmão , e levaste ao cabo
 „ Tão feia , cruel proposta !
 „ Tal officio te não gabo .
 „ Quem não se espanta , e desgosta
 „ D'essas tramas infernaes ?

„ Dize ao Leão que eu mantenho
 „ Com mui pouco os dias meus ,
 „ Que de vaidades me abstendo ,
 „ Que incumba os projectos seus ,
 „ Seu feroz traidor empenho ,
 „ A quem ame o que he de mais .

Foi-se o Mono , e furioso
Berra , espuma ante o Leão ;
Que tranquillo , e generoso
Replicou „ Guapa instrucção !
„ Com que he sobrio , e não vaidoso ?
„ Nem o tenteis , nem temais.

La Marmotte , prise jeune , s'apprivoise plus qu'aucun animal sauvage , et presqu'autant que nos animaux domestiques ; elle apprend aisement à saisir un baton , à gesticuler , à danser , à obeir en tout à la voix de son maître.

Buffon.

APÓLOGO 84.

A Marmota.

Saudosa da Patria sua,
Onde brilhar desejava,
A Cigâno , que a educava ,
Habil Marmota fugio.

Em pulos , em cabriolas
Hia já forte Doutora ,
Com ares de grãa Senhora ,
Que o ter prendas lhe influio.

Pelo caminho ideando
 Contos mil , mil falsidades ,
 Atulhadinha em vaidades
 As Patrias Montanhas vio.

Parece que fôra justo
 Da Terra os usos tomar ,
 Sobre as mãos , e pés entrar
 Sem estrangeiro atavío.

Pois não ! A Senhora pôr
 Suas mãozinhas no chão !
 Foi firmada n'hum bordão
 Que as boas vindas ouvio.

Hão-de julgar que risonha ,
 E quieta respondeo :
 Essa he boa ! Hum salto deo ,
 E quasi a testa partio.

Foi convidada a jantar ,
 Comeo bem , mas desdenhando ,
 E dos banquetes fallando ,
 A que a miudo assistio.

Mostrão-lhe as terreas casinhas , *
 Tudo n'ellas acha máo ,
 O seu Palacio de pão
 Descreveo , e assaz mentio.

* Habítão debaixo da terra , e a estructura dos
 seus domicilios he admiravel.

**Com sorriso mofador
Tudo ouvia , e tudo olhava ,
Ser notavel só buscava ,
E em odio geral cahio.**

**N'isto chega o duro inverno
Sem que a Pobre em tal cuidasse ,
Hum cantinho , onde invernasse
Humildemente pedio.**

**C'o seu Palacio * de pão
Nas doutas ventas lhe dérão ,
Fóra de Caza a pozérão ,
E morreo exposta ao frio.**

**Porque ha-de vir quem viaja
De estulta ufanía cheio ?
Gaba tanto o Solo alheio !
Mas porquê de lá partio ?**



* Ha Ciganos que gánhão a sua vida mostrando as habilidades deste Animal , o qual trazem mettido dentro de huma caixa de pão.

M. I. da Costa. T. de M.

L'education ne peut pas être regardée comme une affaire de préceptes ; c'est l'exemple seul qui modifie les hommes.

Encyclopédie.

APÓLOGO 85.

O Choupo.

Por caminho divertido
Seus Discípulos guiava
Preceptor esclarecido :
A fertil vinha os levava ,
Mimo em grande apreço havido .

Víão-na já , e topando
Hum copado Choupo antigo ,
Fôrão d'elle motejando :
,, De que serve o tal Amigo
,, Sozinho alli vegetando !

Dizião. Ei-los na vinha
 Saltando, rindo, e comendo ,
 Cada qual por gloria tinha
 O affadigar-se , e , vertendo
 Pingue suor , se entretinha.

Até que mais não podérão ,
 E hum pouco desençalmar-se ,
 Porém debalde , quizerão ;
 Nem caza , aonde abrigar-se ,
 Nem sombra alguma tivérão.

O Choupo , em fim , lhes lembrou ,
 Pedem lá hir , mas sisudo
 O Educador lho negou ;
 Instão , gemem , e elle mudo
 A seus gemidos ficou.

Mas tal força aos rogos dão ,
 Com tal geito , que a sorrir-se
 Se poz o sabio Varão ;
 Nem devendo mais fingir-se
 D'est'arte lhes falla então :

„ Vamos pois , e reparai
 „ Quanto humilde o Mofador
 „ Buscar o Mofado vai.
 „ Quem o havia de suppôr ?
 „ No que sômos contemplai.

Et attende ne forte labaris in lingua, et cadas
in conspectu inimicorum insidiantium tibi, et sit
casus tuus insanabilis in mortem.

Ecclesiasticus. C. 28.

APÓLOGO 86.

A Andorinha, e o Gato.

Tendo ligeira Andorinha
Largamente viajado,
Veio junto de hum telhado
O ninho seu construir.

Com a vista cobiçosa
Velho Gato o sitio attenta,
Sonda, indaga, enfim assenta
Que não o pode investir.

Pelo quê com ar humilde
Tenta a Pobrinha lograr,
E lhe começa a fallar
Depois de muito tossir:

„ Seja bem vinda , os emboras
 „ D'este servo seu aceite :
 „ Que instruções , e que deleite
 „ Deverá ter quem a ouvir !

„ Pobre de mim ! este inverno
 „ Mui prostrado me deixou ;
 „ Quasi tonto , e surdo estou ,
 „ Sem gosto ao comer sentir :

„ Ando triste , ah ! por esmola
 „ Queira-me hum pouco alegrar ,
 „ Venha comigo fallar ;
 „ Que fez depois de partir ?

De ter hum tão bom Ouvinte
 Fica a Palreira contente ,
 Desce a folgar c'o Doente ,
 Quer o tonto divertir .

Chega-se a elle , e dizendo :
Senhor meu , logo o Tratante
 Atassalha a Viajante ,
 Põe-se a rosnar , e a engulir .

De contar , e discorrer
 Sobejo gosto insensato
 Em garras , como as do Gato ,
 Tem feito a muitos cahir .

La loi doit surtout sa force au malhereux , à l'indigent dénué de secours ; le cœur du Magistrat doit toujours par préférence s'ouvrir à l'infortuné , c'est lui qui a le plus grand besoin de justice : et pourtant c'est à lui qu'elle est pour l'ordinaire impitoyablement refusée.

Morale Universelle. S. 4. C. 6.

Le Chauve-souris est à demi-quadrupéde , à demi-volatile , et n'est en tout ni l'un , ni l'autre : est , pour ainsi dire , un être monstre.

Buffon.

APÓLOGO 87.

O Noitibó , o Morcêgo , e o Milhafre.

E stridente * Noitibó
Em grande porfia andava
Com triste debil Morcêgo ,
E de continuo o vexava
Em bens , em honra , e socêgo .

* O Noitibó he huma áve nocturna , que em voando dá estálos com as azas. *Moraes. D. da L. P.*

De tal rancor o motivo
 Ninguem o soube até'gora ,
 Consta a rixa , e a causa não ,
 E que he facil não se ignora
 Sermos prêa da Aversão.

O cruel Perseguidor
 Mil projectos revolvia ,
 Com que perdesse o Coitado ;
 Tartáreos planos urdia
 Indeciso , amotinado.

Até que em fim resolvido ,
 Os privilegios quebrando
 Da alada nocturna Casta ,
 Ante Milhafre execrando
 O pobre Morcêgo arrasta.

E diz „ Justiça te imploro
 „ Contra hum Impio , e tão feliz ,
 „ Que vôa sem pennas ter ! „,
 „ Sem pennas ! ... Brada o Juiz :
 „ Ceos ! E deixæ-se viver !

„ Que Monstro ! Voar sem pennas ! ...
 „ Vamos , responde , e depressa.
 O miseravel levanta
 A ténue voz , e começa .
 „ Quem de hum Morcêgo se espanta ?

„ Muitos somos , fracos todos ,
 „ Credores de amparo , e dó ,
 „ Por entre sombras voâmos ,
 „ Como o Senhor Noitibó ;
 „ Deos o quiz , em que peccâmos ?

„ Basta , prosegue o Milhafre ,
 „ Não te defendes , pois morre :
 E morreo : Com tal jactancia
 Mil vezes assim discorre ,
 Decide assim a Ignorancia.

Qual no fisico , em moral
 De excepções encheo o Mundo
 O Supremo Creador :
 Dê-se exame mais profundo
 Ao que inspira mais horror.



Si l'empire appartenoit à la beauté, et non à la force , le Paon seroit, sans contredit, le Roi des Oiseaux ; il n'en est point sur qui la Nature ait versé ses trésors avec plus de profusion. Le Faisan peut , en quelque sorte , le disputer au Paon pour la beauté ; il a le port aussi noble , la démarche aussi fiere , et le plumage presque aussi distingué.

Buffon.

APÓLOGO 88.

O Pavão, o Faisão, e o Papagaio.

A gentil A've de Juno
De hum Faisão escarnecia ,
Porque n'elle presumia
Certos fumos de a igualar.

O innocentinho Faisão
Modesto se desculpava ,
E com louvores buscava
Tão nescio orgulho aplacar.

Mas ciumes de belleza
 São de mui difficult cura ,
 Quem dissipallos procura
 Ha de gemer , e suar.

A mofa , pois , e as desculpas
 Hindo mais , e mais ávante ,
 Vio a vaidosa insultante
 Hum Papagaio voar.

A quem chama , e pede aclare
 Toda a duvida , e decida.
 Já de viseira cahida
 Toma o Arbitro lugar.

Primeiro a vista fixou
 No commedido Faisão ,
 Sem mostrar admiraçao ,
 Indicou d'elle gostar.

Depois á brilhante , e linda
 Iris terrestre se volta ,
 De pasmo hum arquêjo solta ,
 Não farto de a contemplar.

Se deleita , se extasía
 Tantas graças observando ,
 Mas alfim os pés notando ,
 Não pôde o riso enfrear.

E diz „ Que pena ! Hum prodigo
„ Exposto a riso , e a baldões !
„ Antes menos perfeições ,
„ Sem que haja n'ellas desar.

Assim na heroica Virtude ,
Que fraquêa , e degenera ,
Ver menos brilho eu quizera ,
E mais igualdade achar.

Ce qui m'étonne le plus est de voir que tout
le Monde n'est pas étonné de sa foiblesse.

Pensées de Pascal.

APÓLOGO 89.

O Castor, e a Agua.

E quilibrando-se airosa,
Aguia excelsa se entretinha
Vendo as lídas de hum Castor:
Do ethereo espaço á Rainha
O destro Fabricador
Dirigio jactancias taes.

„ Com effeito estás pasmada
„ De ver tantas maravilhas,
„ De hum profundo entendimento,
„ De hum sistema exacto filhas?
„ Olha que nobre Aposento,
„ Que proporções tão iguaes!

„ Attende aos frutos sublimes
 „ Da providente razão :
 „ A sábias leis nos cingimos ,
 „ Na mais íntima união
 „ Estremâmo-nos , e rimos
 „ Do resto dos Animaes.

„ Coitados ! Por fome , e frio
 „ De continuo flagellados !
 „ Em quanto nós bem provídos
 „ Vivêmos tão regalados ,
 „ Sem que invernos desabridos
 „ Nos incommodem jámais.

„ Quanto os Numes nos preferem !
 N'isto a grave Expectadora :
 „ Justo Ceo , que tenho ouvido !
 „ Quem tua justiça ignora
 „ Dizer-se teu Preferido !
 „ Em que te merece mais ?

„ Sim , vaidoso , as obras tuas
 „ Grande instinto manifestão ;
 „ Mas tamanhas prevenções
 „ Que fraqueza , e mêmô attestão !
 „ O' gabadas perfeições ,
 „ Que pequenhez inculcais !

„ Necessidadões , talentos ,
 „ O poder , a sujeição
 „ De tal modo o Ceo ligou ,
 „ Que faz riso a presunção :
 „ Com que pensões elevou
 „ Os miserandos Mortaes !

„ Gosa em paz , e não blasones ;
 „ Confunde-te , observa a lída ,
 „ Que precede a vãos prazeres !
 „ Que veloz , que incerta vida !
 „ E a trôco de que deveres
 „ No-la dão os Immortaes !

Disse , e rapida se entranha
 Pela Esférica luminosa.
 Dizei-me altivos Senhores ,
 Prole Humana desditosa :
 Que injustiça em taes clamores ,
 Que falha , ou erro notais ?

L'homme aimable , du moins celui à qui l'on donne aujourd'hui ce titre , est fort indifférent sur le bien public , ardent à plaire à toutes les sociétés où son goût et le hasard le jettent , et prêt à en sacrifier chaque particulier. Il n'aime personne , n'est aimé de qui que ce soit ; plaît à tous , et souvent est méprisé et recherché par les mêmes gens.

Duclos. C. sur les mœurs. C. 8.

APÓLOGO 90.

A Rapôsa , e os seus Amigos.

V elhaca Rapôsa ,
Traidora Egoista ,
Com todos graciosa ,
De todos bemquista
Sabía manhosa
O Mundo lograr.

**Contava a Perjura
Milheiros de Amigos ,
Vivia segura
Que em faltas , que em p'rigos
Com grande ternura
Lhe hirião valer.**

**Eis vem-lhe hum desar ,
Quebrou huma perna ,
Sahindo a furtar ;
E á sua caverna ,
Gemendo , e a rojar ,
Sanguenta voltou.**

**Ao caso fatal
Ninguem se mexeo ,
Tal voz foi geral :
,, Que faço lá eu ?
,, Valer-lhe em seu mal
,, Mil outros hirão.**

**Nenhum lá chegou ,
Seus duros lamentos
Nenhum escutou ;
Submersa em tormentos
De fome estalou ,
Exangue morreo.**

Quem todos acolhe
A poucos obriga,
Talvez menos colhe
Quem mais se afadiga:
O Amigo se escolhe,
Não pouco he ter hum.

On doit estimer les hommes, non suivant ce qu'ils savent , mais suivant ce qu'ils sont capables de faire.

Ferguson. Essai sur l'h. de la. S. C. Civile. C. 5.

APÓLOGO 91.

O Leão, e o Lince.

Vendo hum Leão a desordem,
Em que estava o Reino seu,
Perspicaz Lince escolheo
Para Publico Censor.

Mandou-lhe punisse os crimes,
As virtudes premiasse,
Os talentos animasse,
Nada outorgando ao favor.

Da perspicacia do Lince
Ficou pois tudo pendente ,
O virtuoso contente ,
Aterrado o Malfeitor.

Mas que pena ! Ao mais brilhante ,
 Ao mais vasto entendimento
 Tenções más , ardor violento
 Unia o dobre Senhor.

Não sei como , logo vio
 Hum Cordeiro tão malvado ,
 Que junto a Lobo esfaimado
 Quiz matar o seu Pastor.

Vio hum Pinto (a quanto a vista
 De hum Lince pôde chegar !)
 Vio-o soberbo insultar
 Feroz Tigre rugidor.

Vai punindo , e tudo vendo :
 Huma Formiga a castigo
 Chama , incrépa-a , e de bom trigo
 Manda-lhe hum moio repor.

De céra , e mel recheada
 Huma colmeia avistando ,
 Tudo em ócio alli notando ,
 Manda fôgo a tudo pôr.

Atrocidades tamanhas
 Vem a saber o Leão ,
 Conhece a sua illusão ,
 Brama de péjo , e de horror.

Maldiz o Lince ; e nos olhos
Do Cruel os seus fitando ,
Mais se indigna , e , mais bramando ,
Lhos arranca com furor.

Alfim geme , e diz „ Quem pôde
„ Por entre paixões ver bem !
„ Quem probidade não tem
„ He sempre máo Julgador.

Toute affectation finit par se deceler , et l'on retombe alors au-dessous de sa valeur réelle.

Duclos. C. sur les mœurs. C. 9.

APÓLOGO 92.

As Doninhas, e o Perú.

Duas prudentes Doninhas;
Novatas no officio seu,
Pactearão ir juntinhas,
Encomendando-se ao Ceo,
Assaltar humas Gallinhas.

Ei-las já postas na estrada,
A fantasia levando
Horrivelmente agitada,
A cada passo aguardando
Ora tiro, ora páolada.

E no campo da batalha
 Lhes cresce o medo , e não pouco ;
 Pois entre a fêmea Gentalha
 Negro Bicho , triste , e rouco ,
 Empavezando-se , ralha.

Era hum Perú ; ao qual vendo ,
 A de mais prudencia exclama :
 „ Quem será este estupendo
 „ Animal , que assim se inflamma ,
 „ Tão graves giros fazendo ?

„ Fujamos. Diz , e cessou
 De ralhar o tal sandeó ;
 Encolheo-se , esgravatou ,
 Huns vermesinhos comeo ,
 E depois se encantou.

As Doninhas rindo então
 Clamáram „ Vamos-lhe ao folle ,
 „ Era tudo affectação.
 Dito , e feito. Oh quanto he molle
 A's vezes hum Soerbão !

Jaz no bucho das Golosas
 O Perú empavezado .
 Como ficáram manhosas !
 Não mais se tem assustado
 Com visagens orgulhosas

L'Ecureuil est un joli petit animal qui n'est qu'à demi sauvage , et qui par sa gentillesse , par sa docilité , par l'innocence même de ses mœurs , mériteroit d'être épargné. Il approche des oiseaux par sa légèreté , il demeure comme eux sur la cime des arbres , parcourt les forêts en sautant de l'un à l'autre , y fait son nid. *Buffon.*

Etranger , il ne m'est permis de mépriser , de maltraiter un Etranger , qui vient chez moi , quand même il seroit dans un état plus vil , et plus méprisable que celui où vous êtes , car les Etrangers , et les Pauvres viennent des Dieux.

Odyssée. C. 14.

APÓLOGO 93.

O E'squilo , a Aguaia , e o Pardal.

Mui perto ao da Aguaia o seu ninho.
Gentil E'squilo formou ;
A forte alada Imperante
No bemfadado Visinho
Sem estranheza encarou.

Mas Pardal , que os Filhos seus
 N'hum pôço havia aninhado ,
 Tal visinhança observando ,
 Pragueja , invocando os Ceos ,
 Contra o medonho attentado.

E chia „ Quem tal dissera !
 „ Tão junto d'Aguia hum Villão ,
 „ Hum terrestre Animalzinho ,
 „ Que a Prole infame devera
 „ Criar debaixo do chão !

„ Pune-o , ó Aguaia , o tens ahi :
 „ Descomedido trepando ,
 „ Tão alto ousou acolher-se !
 „ E brinca junto de ti ,
 „ Nossos foraes quebrantando !

Sorrio-se , assim respondendo
 A magnanima Rainha :
 „ Quem junto de mim se acolhe ,
 „ Em paz , e alegre vivendo ,
 „ Se transforma em coisa minha .

„ Da nossa Esféra não seja ,
 „ Pertença a quem pertencer ,
 „ Quer ser meu , isso lhe basta :
 „ Meu patrocinio deseja ,
 „ Fia-se em mim , ha-de o ter .

A qualquer de fóra vindo
Vê raivosa a Plébe ignara :
Emtanto o bom Imperante ,
As normas d'Aguia seguindo ,
O novo Subdito ampara.

Je ne veux pas qu'on emprisonne un garçon :
je ne veux pas qu'on l'abandonne à la colere , et
humeur melancholique d'un furieux maistre d'es-
cole : je ne veux pas corrompre son esprit , à le
tenir à la gehenne , et au travail quatorze , ou
quinze heures par jour , comme un porte-faix.

Essais de Montaigne. L. 1. C. 25.

APÓLOGO 94.

As duas novas Plantas.

Murchas hum tanto , retorcido o tronco ,
Duas mimosas Plantas se avistávão ,
De pronto auxilio precisadas ambas ,
Ambas proximo fim ameaçávão .

Huma , encontrando vigoroso esteio ,
E trato meigo , toma garbo , e viço ;
A outra se finou entre as irosas
Mãos imprudentes de Cultor noviço .

Severa Educação , a vãas fadigas
Ah ! bem podéras vezes mil poupar-te !
Ao geito cedem condições bravias ,
Mais que de força se precisa de arte .

Quoi donc, elle devoit perir si-tôt ! Le matin
elle fleurissoit ; avec quelles graces, vous le sa-
vez : le soir nous la vîmes sechée.

Bossuet. O. F. de M. D. d'Orl.

APÓLOGO 95.

O Arbusto, e a Primavera.

Hum debil pequeno Arbusto,
Que murcho desfalecia,
De novo encantos colhia
Na florecente Estação.

Ao ver-se de lindas flôres,
E verdes ramos toucado,
O Pobrinho afortunado
Foi creando presunção

Teve-se em fim em tal conta
Que altivos modos tomou,
E as sombrinhas espalhou
Com hum ar de protéccão.

„ Que raros dotes possúo !
 (Comsigo exclamava ufano)
 „ Sou credor, ah ! não me engano ,
 „ Da maior veneração.

„ Depois de renhida luta
 „ Os crueis Fados venci ,
 „ Suas furias converti
 „ Na mais fiel submissão.

Contemplando a Primavera
 Do fraco Arbusto a ufania ,
 Assentou que lhe cumpria
 Fazêllo entrar na razão.

„ Quem he , lhe diz , que te dá
 „ Esses bens tão invejados ?
 „ Não serão os meus cuidados ?
 „ Nem meus desvelos serão ?

„ O calor delicioso ,
 „ Que entrado em teu seio tem ,
 „ Da tua essencia provêm ,
 „ Ou provêm da minha mão ?

„ As Virações apraziveis ,
 „ Que te vem aqui buscar ,
 „ Quem he que as manda voar
 „ Sobre a tua habitação ?

„ Se a Manhã já pura , e bella ,
 „ Seus afagos te conduz ,
 „ Quem lhe dá belleza , e luz ?
 „ Quem lhe adoça a condição ?

„ Os tristes , ruidosos Ventos ,
 „ Entre os quaes gemer te vi ,
 „ Não fui eu quem os prendi ,
 „ Tendo de ti compaixão ?

„ Coitado ! Gaba-te embora ,
 „ Porém se eu te abandonar ,
 „ Teus ramos hão de secar ,
 „ Tuas flôres cahirão .

A risonha Primavera
 D'esta maneira fallou ,
 E o nescio Arbusto deixou
 Submersido em confusão .

Que temidas Personagens ,
 Ufanas do seu destino ,
 N'este Arbusto pequenino
 Contemplar-se poderão !

L'on a donné à ces animaux l'épithète de Paresseux à cause de la lenteur de leurs mouvements, et de la difficulté qu'ils ont à marcher. Reduits à vivre de feuilles et de fruits sauvages, ils consument du temps à se trainer au pied d'un arbre, il leur en faut encore beaucoup pour grimper jusqu'aux branches, et pendant ce lent, et triste exercice ils sont obligés de supporter la faim. Arrivés sur leur arbre ils n'en descendent plus; ne pouvant descendre ils se laissent tomber, et tombent très lourdement.

Buffon.

APÓLOGO 96.

O Preguiça do Brasil.

Em triste deserto andando
O Preguiça do Brasil,
Escassa relva pastando,
Com este sustento vil
Especava os dias seus.

E depois de ardua derrota
 A hum pomar foi ter alsim ;
 A vista sôfrego bota
 Aos frutos , clamando assim :
 „ Que vos crieis lá nos Ceos !

„ Trepar eu a tal altura !
 „ Em taes lídas entrarei ?
 „ Que cheiro ! Que formosura !
 „ Nunca assim os encontrei.
 „ Haja esforço , sejão meus.

E as debeis unhas fincou
 No tronco , e foi-se arrastando ;
 Por muitas vezes parou ,
 Aos gratos pômos chegando
 Depois de varios boléos.

A' redea solta comendo ,
 Passa alli huma semana ,
 Papou tudo , e já vivendo
 No cimo , oh quanto se afana ,
 E gema , e chama por Deos !

Quer descer , o tenta emvão ,
 Vai , e vem , maldiz a sorte ,
 E atira comsigo ao chão ;
 Rende , estoira , e a feia Morte
 Pronta o involve em densos véos .

Poé de parte o grande intento,
Se arte, e força te faltar:
N'hum partido violento
Vê bem que podem findar
Os loucos projectos teus.

Tout vouloir est d'un fou ; l'excés est son partage,
 La moderation est le trésor du sage.

Voltaire.

APÓLOGO 97.

—
O Pavão.

D e Avezinhas simples bando,
 Que haver Pavões ignorava,
 Em fresco vergel estando,
 Notou hum que alli chegava,
 Mil perfeições ostentando.

Do martinete vistoso
 As lindas plumas movia,
 Tão bello, quão magestoso,
 O brilhante leque abria,
 Chefe d'obra portentoso.

,, Isto he do Ceo habitante !
 A chusma toda repete :
 E submissa , e titubante
 Mil respeitos lhe promete
 N'hum transporte delirante.

Cortez acêno , e mui leve ,
 Som de voz , e mui baixinho ,
 Respondia assaz , e breve :
 Mas o Senhor Pavãozinho
 Esta prudencia não teve.

Quiz brilhar , e os estridentes
 Tons asperrimes levanta ;
 Eis d'aquellas innocentes
 Huma ri , outra se espanta ,
 E se ólhão como dementes.

Grita , e raiva o presumido ,
 Ellas vôão , elle as segue ;
 E não bem se tinha erguido ,
 Fraco em vôos , não prosegue ,
 E he de novo escarnecidio.

Quem por celeste foi tido
 Por bem terrestre he julgado ;
 E porque ? Porque , influido
 De hum louvor , quiz o Coitado
 Ser em tudo esclarecido.

Ao Guainumbí que he huma A've do Brasil mui pequenina, de cores lindissimas, e cambiantes, se dão diferentes nomes; o de Pega-flôr, de Pica-flôr, de Chupa-mel, e de Beijaflôr, e no Muséo Britanico em Londres o de Papa-moscas: pode ser que d'ellas se sustente, e que por isso ande rodeando as flores de muito mel, como são as da bananeira, aonde as moscas acodem.

Moraes. D. da L. P.

APÓLOGO 98.

O Papa-moscas, e o Periquito.

Com galante Papa-moscas, *
Que entre florinhás vagava
Encontrou-se hum Periquito;
Ri-se, e diz „ Aqui te esp'rava,
„ Bem no tinha ha pouco eu dito.

* Buffon assenta que esta pequenina A've se alimenta do mel das flores, e não de moscas, fundando a sua opinião em motivos mui fortes, e authorisando-se com o voto de Garcilasso, de Gomara, de Hernandez, de Clusius, de Nieremberg, de Marcgrave, de Stoane, de Cutesby, de Feulée, de Labat, e de Dutertré.

- „ Que sejas tão lindo , e gastes
 „ Toda a vida entre florinhas !
 „ Amigo , he grande innocencia.
 „ Debalde mil Avezinhas
 „ Se queixão da tua ausencia.

 „ O nosso trato aborreces ?
 „ As boninas contemplando
 „ Te encanta a sua pureza ?
 „ Tal melindre , odor tão brando ,
 „ Côres taes , tanta belleza ?

 „ Com razão muitos te chamão
 „ Chupa-mel , e Beija-flôr :
 „ A singeleza te agrada.
 „ Vive , pois , a teu sabor ,
 „ Quem he simples não se enfada.

 „ Simples tu meu Periquito !
 (Responde o gentil Farfante)
 „ Devéras tens delirado.
 „ Em que negocio importante
 „ Me suppões interessado !

 „ Em purezas ! Em perfumes !
 „ Que parola ! Que aranzel !
 „ Tão parvoinho sou eu ?
 „ Papar moscas eis o mel ,
 „ Eis a flôr , o encanto meu .

Almas puras havei medo :
Nem sempre aos vossos carinhos
Dão valor os que vos buscão.
Que vezes fins bem mesquinhos ,
Bem abjectos , vos offuscão !

Alcibiade.

Il faut en ce monde une philosophie qui aille plus terre à terre. On prend les honnêtes gens par les motifs de la vertu , les voluptueux par leurs plaisirs , les fripons par leur interet. C'est la seule bonne maniere de savoir vivre , tout le reste est vision , et bile noire , qu'il faudrait purger avec un peu d'ellébore.

Fenelon. D. des Morts. 6.

APÓLOGO 99.

A Rapôsa ensinando filosofia.

Quiz depois de estudo immenso ,
A que dava noite , e dia ,
Huma sãa filosofia
Velha Rapôsa ensinar.

Não dar aos vicios quartel
Altamente protestou ,
De graça instruir jurou
Quem se quizesse emendar.

Pronta ouvir os seus dictames
 Vem a avarenta Formiga ,
 Se confessá muito amiga
 De recolher , e não dar.

„ Que prudencia ! (Exclama , e ri-se
 A fagueira Préceptor)
 „ Dissipar hum crime fôra ;
 „ He justo ao futuro olhar.

Chega a Cigarra , e se accusa
 De importuna , e de ociosa :
 „ Minucias ! (Diz a Rapôsa)
 „ Quando foi crime o cantar ?

Apparece o Lobo , e a gula ,
 Que o devora , pranteou.
 „ Quanto hes parvo ! (Ella clamou)
 „ Queres á mingoa expirar ?

Seguió-se a Serpente , e narra
 Seus ardis , e logo escuta :
 „ He virtude o ser astuta
 „ Com quem nos quer enganar.

O Tigre principiava .
 E a Rapôsa já se ouvia :
 „ Dos Sêres a demasia
 „ He necessario atalhar.

Não falta o Jumento , expõe
 Do genio seu a vileza.
 „ Isso , Amigo , he singeleza ,
 „ He constancia singular.

Terminou d'esta maneira
 A doutissima lição ,
 Levou grande defluxão ,
 Pois a deo exposta ao ar.

Põe-se de cama , empeora ,
 Pedir auxilio mandou
 Aos que tão bem doutrinou ,
 Sem prémio algum aceitar.

Diz a Avara „ Eu temo os tempos ,
 „ De mal a peor vai tudo ,
 „ G'o o que ha de vir não me illudo ,
 „ Que hei de ter se esperdiçar ?

A Cigarra , desatando
 Huma tremenda chiada ,
 Bradou „ Se o canto lhe agrada ,
 „ Prestes a vou consolar.

Encetando hum cordeirinho
 Uiva o Lobo „ Assaz não tenho .
 Silva a Serpente „ Oh que empênhô
 „ Tem a Zôrra em me lograr !

Brama o Tigre ., E tanto importa
,, De huma Rapôsa a existencia ?
Zurra o Burro ,, Paciencia ,
,, Soffrer tudo , e não ralhar.

Ficou paga a Mestra insigne ;
Não houve na paga excesso :
He certissimo o successo ,
E facil de commentar.

Il est du devoir d'un homme sage et prudent
de ne temoigner aucun mépris quand il s'agit de
la mort. *R. M. de l'Empereur M. A. A.*

APÓLOGO. 100.

O Cisne moribundo.

De hum Cisne moribundo
Mil A'ves aguardavão
Os canticos famosos :
Immoveis preparávão
Aos sons prodigiosos
A sôfrega attenção.

Emtanto o negro aspecto
Da horrivel Morte vendo,
O Cisne esmorecia ;
Soluços desprendendo ,
De susto , e de agonia
Quebrado o coração.

De si entorno observa
 Tamanha concurrencia ;
 Do annuncio fabuloso
 Contempla a vãa demencia ;
 Encara despeitoso
 Tão louca expectação.

De novo , e mais vehementes
 Os tristes ais soârão ,
 E lagrimas saudosas
 A voz lhé suffocárão :
 De imagens luctuosas
 Que horror o abafa então !

Até que em fim sustendo
 As lagrimas , e os ais ,
 Nos ultimos momentos
 Soltou palavras taes :
 „ Quão duros , quão violentos
 „ Da Morte os golpes são !

„ E canticos se espérão !
 „ Estólida vaidade !
 „ Que canticos ! Se trôa
 „ Terrifica Verdade !
 „ E o peito nos magâa
 „ Atroz separação !

„ Canoros tons fallecem
 „ N'hum animo aterrado :
 „ He falso o seu prazer ,
 „ O riso seu forçado :
 „ Que impróvido poder
 „ No abismo da Oppressão !

„ Opposto á Natureza
 „ Quem he que se avantaja ?
 „ Sem crime quem a illude ?
 „ Impúne quem a ultraja ?
 „ O esmèro da Virtude
 „ He ter resignaçao.

Assim fallando , expira
 O Cisne magoado.
 Attónito ficou
 O attento Bando alado :
 Mais sabio se tornou
 A trôco da illusão.

F I M.

I N D I C E.

Dos Apologos antecedentes.

	Pag.
<i>O Rouxinol, e os seus Expectadores</i>	3.
<i>A Cegonha</i>	5.
<i>O Leopardo</i>	7.
<i>A Fuinha, e o Texugo</i>	9.
<i>O Papagaio, e a Pêga</i>	12.
<i>O Grillo, e a Formiga</i>	15.
<i>O Macaco</i>	19.
<i>A Mosca, e o Bicho de seda</i>	21.
<i>O Jasmineiro</i>	24.
<i>A Gralha</i>	26.
<i>O Lobo, e o Milhafre</i>	29.
<i>A Abelhinha</i>	31.
<i>O Pôtro, e o Novilho</i>	34.
<i>O Cisne, e os dois Gansos</i>	36.
<i>O Melro, e o Corvo</i>	39.
<i>Os Cochichos, e os Perdigotos</i>	41.
<i>O Tamanduá</i>	43.
<i>O Bufo</i>	45.
<i>A Chamariz, e os Passarinhos que cahirão na rede</i>	48.

<i>O Veado, e o Caçador</i>	-	-	-	-	-	50.
<i>O Bode, e o Cordeirinho</i>	-	-	-	-	-	51.
<i>A Gárga, e o Pelicâno</i>	-	-	-	-	-	53.
<i>O Cuco, o Rouxinol</i>	-	-	-	-	-	56.
<i>O Porco</i>	-	-	-	-	-	58.
<i>A Rapôsa fisionomista</i>	-	-	-	-	-	60.
<i>O Tartaranhão, e o Abutre</i>	-	-	-	-	-	64.
<i>A Rapôsa, e o Lobo</i>	-	-	-	-	-	67.
<i>O Rouxinol cantando no inverno</i>	-	-	-	-	-	70.
<i>As Codornizes, e a Rãa</i>	-	-	-	-	-	72.
<i>A Oliveira</i>	-	-	-	-	-	75.
<i>O Burro ao Sol</i>	-	-	-	-	-	77.
<i>A Borbolêta, e o Caracol</i>	-	-	-	-	-	79.
<i>O Açôr, e os Passarinhos</i>	-	-	-	-	-	81.
<i>O Cão, o Gato, e o Ratinho</i>	-	-	-	-	-	83.
<i>A Rôla, e a Arára</i>	-	-	-	-	-	85.
<i>O Bugio imitador do Homem caritativo</i>	-	-	-	-	-	88.
<i>A Doninha, e o Ratinho</i>	-	-	-	-	-	90.
<i>O Tutinegro</i>	-	-	-	-	-	92.
<i>A Cigarra</i>	-	-	-	-	-	94.
<i>O Plátano</i>	-	-	-	-	-	96.
<i>O Elefante, e o Macaco</i>	-	-	-	-	-	97.
<i>O Lobo, e o Jumento</i>	-	-	-	-	-	100.
<i>A Fênix</i>	-	-	-	-	-	102.
<i>O Maribondo, e a Abelha</i>	-	-	-	-	-	104.
<i>O Terió, e o Tigre</i>	-	-	-	-	-	106.
<i>O Leão, e o Ginete</i>	-	-	-	-	-	109.
<i>A Tarantula</i>	-	-	-	-	-	112.
<i>O Môcho, e o Pombo</i>	-	-	-	-	-	114.
<i>O Pardal no viveiro de Canarios</i>	-	-	-	-	-	117.
<i>O Lobo, o Cão, e a Cabrinha</i>	-	-	-	-	-	119.

<i>O Arganaz</i>	-	-	-	-	-	-	-	121.
<i>A Coruja, e o Môcho</i>	-	-	-	-	-	-	-	124.
<i>Os Castores, e o Caçador.</i>	-	-	-	-	-	-	-	126.
<i>O Jumento, e o Toiro</i>	-	-	-	-	-	-	-	129.
<i>O Gallo e o Perdigueiro</i>	-	-	-	-	-	-	-	131.
<i>O Rato almiscareiro</i>	-	-	-	-	-	-	-	124.
<i>O Fraldeiro, e o Rafeiro</i>	-	-	-	-	-	-	-	138.
<i>O Penhasco</i>	-	-	-	-	-	-	-	141.
<i>O Mosquito, e a Môsca</i>	-	-	-	-	-	-	-	142.
<i>O Coelhinho</i>	-	-	-	-	-	-	-	145.
<i>O Tubarão, e os Peixinhos de agua doce</i>	-	-	-	-	-	-	-	147.
<i>A Perdiz, a Lebre, e a Rapôsa</i>	-	-	-	-	-	-	-	149.
<i>O Javalí, o Gamo, e os Caçadores</i>	-	-	-	-	-	-	-	151.
<i>O Leão, e o Tigre</i>	-	-	-	-	-	-	-	153.
<i>O Elefante no cativeiro</i>	-	-	-	-	-	-	-	155.
<i>A Formiga</i>	-	-	-	-	-	-	-	156.
<i>O Gallo, e a Rapôsa</i>	-	-	-	-	-	-	-	158.
<i>Os Filhos da Aguiia</i>	-	-	-	-	-	-	-	162.
<i>A Roseira</i>	-	-	-	-	-	-	-	164.
<i>O Pombo</i>	-	-	-	-	-	-	-	167.
<i>O Grou, e o Perdigôto</i>	-	-	-	-	-	-	-	169.
<i>O Toiro</i>	-	-	-	-	-	-	-	171.
<i>A Filomena, e o Mocho</i>	-	-	-	-	-	-	-	174.
<i>O Abutre, e o Pombô</i>	-	-	-	-	-	-	-	177.
<i>Os Patos, e o Marréco</i>	-	-	-	-	-	-	-	180.
<i>A Toupeira, e o Ouriço-cacheiro</i>	-	-	-	-	-	-	-	183.
<i>A escôlha da Aguiia</i>	-	-	-	-	-	-	-	186.
<i>O Urso</i>	-	-	-	-	-	-	-	189.
<i>A Andorinha, e o Canario</i>	-	-	-	-	-	-	-	191.
<i>O Môno impostor</i>	-	-	-	-	-	-	-	193.
<i>O Galgo, o Rafeiro, e a Vibora</i>	-	-	-	-	-	-	-	196.

<i>O Elefante, e o Ginete</i>	- - - - -	198.
<i>O Camelo, o Macaco, e o Leao</i>	- - - - -	200.
<i>A Marmota</i>	- - - - -	203.
<i>O Choupo</i>	- - - - -	206.
<i>A Andorinha, e o Gato</i>	- - - - -	208.
<i>O Noitibó, o Morcêgo, e o Milhafre.</i>	- - - - -	210.
<i>O Pavão, o Faisão, e o Papagaio</i>	- - - - -	213.
<i>O Castor, e a Aguiia</i>	- - - - -	216.
<i>A Raposa, e os seus Amigos</i>	- - - - -	219.
<i>O Leao, e o Lince</i>	- - - - -	222.
<i>As Doninhas, e o Peru.</i>	- - - - -	225.
<i>O E'squilo, a Aguiia, e o Pardal</i>	- - - - -	227.
<i>As duas novas Plantas</i>	- - - - -	230.
<i>O Arbusto, e a Primavera</i>	- - - - -	231.
<i>O Preguiça do Brasil</i>	- - - - -	234.
<i>O Pavão</i>	- - - - -	237.
<i>O Papa-moscas, e o Periquito</i>	- - - - -	239.
<i>A Raposa ensinando filosofia</i>	- - - - -	242.
<i>O Cisne moribundo</i>	- - - - -	246.

6 MA 50

É R R A T A S.

<i>Png.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
12.	6	L. 10. 16.	L. 10. 58. et 59.
31.	2	quidam	quidam
31.	3	L. 11. L. 9.	L. 11. 19.
31.	6	relinquuat	relinquunt
79.	3	prod nire	produir
96.	4	L. 8. 77.	L. 12. 3.
106.	5	le Panthere	la Panthère
171.	1	poar.	pour.

